

agricultura

em São Paulo

Vol. 43 Tomo 1 1996

Produção e comercialização das frutas cítricas no Brasil	1
Maria Lucia Maia, Antonio Ambrosio Amaro, José Sidnei Gonçalves, Sueli Alves Moreira Souza	
Estrutura de produção e de mercado da uva de mesa brasileira	43
José Sidnei Gonçalves, Antonio Ambrosio Amaro, Maria Lucia Maia, Sueli Alves Moreira Souza	
Produção, mercado e inserção internacional da maçã brasileira	95
José Sidnei Gonçalves, Antonio Ambrosio Amaro, Maria Lucia Maia, Sueli Alves Moreira Souza	
Utilização da <i>policy analysis matrix</i> na avaliação e elaboração de políticas públicas para a agricultura	137
Leila Campos Vieira	
A importância da pesquisa na modernização da cotonicultura	155
Sebastião Nogueira Junior	
A dimensão científica do desenvolvimento biotecnológico vegetal	167
José Norberto Muniz	





Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento
Coordenadoria Sócio-Econômica
Instituto de Economia Agrícola

Governador do Estado
Mário Covas Júnior

Secretário de Agricultura e Abastecimento
Francisco Graziano Neto

Secretário Adjunto
Antonio Carlos de Macedo

Chefe de Gabinete
Ubirajara Pereira Guimarães

Coordenador da Coordenadoria Sócio-Econômica
Marco Antonio Silveira Castanheira

Diretor do Instituto de Economia Agrícola
Paulo Edgard Nascimento de Toledo

ISSN 0044-6793

Agricultura em São Paulo



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento
Coordenadoria Sócio-Econômica
Instituto de Economia Agrícola

AGRICULTURA EM SÃO PAULO
Revista Científica do
Instituto de Economia Agrícola - IEA
Vol. 42 Tomo 3 p.1-164 1995

Editor Responsável
José Sidnei Gonçalves

Comissão Editorial
José Sidnei Gonçalves - Presidente
Alceu de Arruda Veiga Filho
Benedito Barbosa de Freitas
César Roberto Leite da Silva
Luis Henrique Peréz
Mario Antonio Margarido
Yuly Ivete Miazeki de Toledo

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRICOLA

O IEA é o órgão de pesquisa em economia e sociologia aplicadas à agricultura. Sua origem é a Comissão de Estudos de Economia Rural, criada em 09/09/42. Pioneiro na sua área de conhecimento e levantamento de preços e produção agrícola, atualmente desenvolve pesquisas e estudos, além de produzir dados básicos e realizar assessoramento técnico.

AOS COLABORADORES

A revista AGRICULTURA EM SÃO PAULO divulga trabalhos que abordem a problemática agrícola do ponto de vista das ciências sociais. Contribuições inéditas são bem-vindas. A Comissão Editorial reserva-se o direito de sugerir ao autor modificações para adequar o artigo aos padrões definidos pela Política Editorial do IEA. As opiniões emitidas são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Periodicidade: anual
Tiragem: 2.000 exemplares

É permitida a reprodução total ou parcial desta revista, desde que seja citada a fonte.

Instituto de Economia Agrícola
Av. Miguel Stéfano, 3.900
04301-903 - São Paulo - SP
Fone: (011) 276-8266 R. 2354
Fax: (011) 276-4062
Telax: (011) 56730

ISSN 0044-6793

SUMÁRIO

Produção e comercialização das frutas cítricas no Brasil Maria Lucia Maia, Antonio Ambrosio Amaro, José Sidnei Gonçalves, Sueli Alves Moreira Souza	1
Estrutura de produção e de mercado da uva de mesa brasileira José Sidnei Gonçalves, Antonio Ambrosio Amaro, Maria Lucia Maia, Sueli Alves Moreira Souza	43
Produção, mercado e inserção internacional da maçã brasileira José Sidnei Gonçalves, Antonio Ambrosio Amaro, Maria Lucia Maia, Sueli Alves Moreira Souza	95
Utilização da <i>policy analysis matrix</i> na avaliação e elaboração de políticas públicas para a agricultura Leila Campos Vieira	137
A importância da pesquisa na modernização da cotonicultura Sebastião Nogueira Junior	155
A dimensão científica do desenvolvimento biotecnológico vegetal José Norberto Muniz	167

Agricultura em São Paulo v.1- n.1-
abr.- 1951-
São Paulo, Instituto de Economia Agrícola.
Irregular

ISSN 0044-6793

Interrompida no v.6, n.7, jun. 1956-1959.
Periodicidade anterior: Mensal de 1951-
1971.

PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DAS FRUTAS CÍTRICAS NO BRASIL¹

Maria Lucia Maia²
Antonio Ambrosio Amaro³
José Sidnei Gonçalves⁴
Sueli Alves Moreira Souza⁵

RESUMO

O trabalho analisa aspectos relativos à produção e à comercialização das frutas cítricas no Brasil. Especificamente, analisa a inserção da produção brasileira no mercado mundial, as principais regiões produtoras e a estrutura de produção, bem como o fluxo de comercialização. Apesar de ser o maior produtor de frutas cítricas, o Brasil apresenta uma participação reduzida no mercado mundial. A laranja é considerada a espécie mais importante e cerca de 70% da sua produção destinam-se ao processamento de suco.

Palavras-chave: citros, estrutura de produção, mercados interno e externo, comercialização.

CITRUS FRUITS: BRAZILIAN PRODUCTION AND MARKET

SUMMARY

This paper analyzes aspects of citrus fruit production and marketing in Brazil. Specifically, it analyzes the insertion of Brazilian production in the international market; the main producing regions; the production structure and the marketing flow. Although Brazil is the greatest citrus fruit producer, it presents a small participation in the international market. The orange is considered the most important species and nearly 70% of its production is destined to juice processing.

Key-words: citrus, production structure, internal and international market, marketing.

1 - INTRODUÇÃO

As frutas cítricas estão entre as principais espécies frutícolas cultivadas e consumidas mundialmente. As destinações básicas atendem a três segmentos de produtos finais: a) ao consumo como fruta fresca na

forma direta; b) à comercialização *in natura* para preparo de sucos naturais em bares, lanchonetes e restaurantes e mesmo em domicílios; e c) à produção de sucos cítricos concentrados. A complementaridade entre esses mercados é uma característica do setor.

O objetivo principal deste trabalho é analisar

¹Trabalho referente ao Projeto SPTC 16-019/94, financiado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), fazendo parte do projeto "Análise da Competitividade e Complementaridade dos Complexos de Frutas e Hortaliças dos Países do Cone Sul", produto do Convênio IEA/FAO/FUNDEPAG, coordenado pelo Dr. Antonio A. Amaro, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA). Concomitantemente, foram realizados trabalhos semelhantes nos demais países do Cone Sul, sob a coordenação geral do Dr. Norberto Frigerio, Oficial Regional de Produtos Básicos, Comércio e Segurança da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU). Recebido em 08/02/96. Liberado para publicação em 08/03/96.

²Economista, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

³Engenheiro Agrônomo, Dr., Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

⁴Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

⁵Economista, Assistente Técnico de Pesquisa do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

a produção e a comercialização das frutas cítricas no Brasil. Para isso, tem-se como objetivos específicos: a) analisar a produção e o comércio mundial das frutas cítricas; bem como a inserção da produção brasileira nesse mercado; b) analisar a estrutura da produção brasileira, identificando as principais regiões produtoras; e c) analisar o fluxo de comercialização das frutas cítricas.

2 - MATERIAL E MÉTODO

Os dados utilizados na análise do mercado internacional são aqueles publicados pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU) e pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Para melhor entendimento da dinâmica da produção e do mercado, os dados dos países foram agrupados segundo os continentes e os blocos econômicos e hemisféricos. Com isso, pode-se avaliar as complementaridades em vários níveis, procurando inferir quais as possibilidades da produção brasileira nesse universo de interesses econômicos e geopolíticos. No tocante às produções regionais brasileiras, as informações foram obtidas junto à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) e ao Instituto de Economia Agrícola (IEA). Dados de preços, custos de produção e estacionalidade também foram levantados nas publicações do IEA e complementados com entrevistas junto a outros órgãos técnicos governamentais e a empresas privadas.

3 - QUADRO MUNDIAL DAS CADEIAS PRODUTIVAS DAS FRUTAS CÍTRICAS

A produção das frutas cítricas, bem como as transações internacionais de produtos cítricos, coloca esta mercadoria como uma das mais importantes do mercado mundial, tanto em função do consumo em todos os continentes quanto do montante de recursos aplicados nessa atividade.

3.1 - Produção e Comércio Mundial das Frutas Cítricas

A produção de citros nos principais países

passou de 56,9 milhões de toneladas em 1991/92 para 60,6 milhões de toneladas em 1993/94, correspondendo a uma variação de 6,5% em apenas duas safras. Os países do Hemisfério Norte, com colheita de outubro a junho do ano subsequente, ocupam a primeira posição, com participação ao redor de 68% no total geral. Nos países do Hemisfério Sul, a colheita de citros ocorre de abril a dezembro (Tabela 1).

Dentre as espécies citrícolas, a laranja destaca-se com cerca de 65% da produção. Os Estados Unidos permaneceram como país líder na produção de laranja durante toda a década de 70, seguidos de perto do Brasil. Contudo, no início dos anos 80 essa situação inverteu-se e, no início da década de 90, a participação brasileira no total mundial chegou a aproximadamente 35% em relação a cerca de 23% dos Estados Unidos. Portanto, a soma da produção de laranja desses dois países atinge quase 60% da produção mundial (Tabela 2).

É importante ressaltar que cerca de 70% da disponibilidade de laranja nesses dois países têm como destino o processamento industrial, para a transformação em suco de laranja concentrado congelado (Tabela 3).

Este fato não ocorre nos demais países produtores de laranja, onde a maior parte da produção é dirigida ao mercado de fruta fresca. Enquanto os países do Hemisfério Norte, com destaque para Espanha, Marrocos, Grécia, Egito, Israel e Itália, participam com aproximadamente 70% das exportações mundiais, os países do Hemisfério Sul representam apenas 15% (Tabela 4).

A Espanha é o maior exportador de citros frescos (mais da metade da sua produção) e seus mercados tradicionais são Alemanha, França, Reino Unido, Holanda e Bélgica. Nos Estados Unidos, as exportações de laranja fresca atingem 5% da produção, enquanto no Brasil representam menos de 1%. A China, por outro lado, tem-se destacado na produção de citros, mas com o objetivo de atender ao próprio mercado interno.

Cabe salientar que as exportações de citros *in natura* da Espanha e da Itália são incentivadas com ajuda financeira (subsídio) proporcionada por recursos dos programas da União Européia (UE), quando destinadas a países de fora do espaço econômico europeu, inclusive a América do Norte.

De outra parte, vale lembrar também que nos países da UE a tarifa de importação de citros frescos é variável durante o ano, passando de 4% ad valorem no

TABELA 1 - Produção Total de Citrus, Principais Países, Anos Safras¹ 1991/92-1993/94
(em 1.000t)

Hemisfério e País	1991/92	1992/93	1993/94
Hemisfério Norte			
Mediterrâneo ²	15.271	16.447	16.007
Cuba	758	774	760
Japão	2.067	2.219	2.027
China	4.386	5.060	5.610
México	3.194	3.738	3.565
Estados Unidos	11.297	13.839	13.238
Coréia	556	719	619
Subtotal	37.529	42.796	41.826
Hemisfério Sul			
Argentina	1.560	1.772	1.703
Austrália	648	607	657
África do Sul	882	821	822
Brasil	16.327	15.411	15.645
Subtotal	19.417	18.611	18.827
Total	56.946	61.407	60.656

¹Corresponde aproximadamente a outubro-junho no Hemisfério Norte e abril-dezembro no Hemisfério Sul.

²Chipre, Egito, Gaza, Grécia, Israel, Itália, Marrocos, Espanha e Turquia.

Fonte: FAS/USDA.

TABELA 2 - Produção Total de Laranja, Principais Países, Anos Safras¹ 1991/92-1993/94
(em 1.000t)

Hemisfério e País	1991/92	1992/93	1993/94
Hemisfério Norte			
Mediterrâneo ²	9.385	10.061	9.612
Cuba	428	425	400
Japão	37	39	35
China	929	1.070	1.190
México	2.200	2.700	2.550
Estados Unidos	8.178	10.071	9.466
Subtotal	21.157	24.366	23.253
Hemisfério Sul			
Argentina	640	660	630
Austrália	612	572	622
África do Sul	712	664	660
Brasil	14.974	14.117	14.362
Subtotal	16.938	16.013	16.274
Total	38.095	40.379	39.527

¹Corresponde aproximadamente a outubro-junho no Hemisfério Norte e abril-dezembro no Hemisfério Sul.

²Chipre, Egito, Gaza, Grécia, Israel, Itália, Marrocos, Espanha e Turquia.

Fonte: FAS/USDA.

TABELA 3 - Processamento de Laranja em Suco, Principais Países, Anos Safras¹ 1991/92-1993/94
(em 1.000t)

Hemisfério e País	1991/92	1992/93	1993/94
Hemisfério Norte			
Mediterrâneo ²	1.804	1.582	1.545
Cuba	82	80	160
Japão	2	2	2
China	37	42	59
México	150	300	210
Estados Unidos	6.203	7.858	7.300
Subtotal	8.278	9.864	9.276
Hemisfério Sul			
Argentina	200	188	190
Austrália	402	337	359
África do Sul	175	170	160
Brasil	11.670	10.322	10.567
Subtotal	12.447	11.017	11.276
Total	20.725	20.881	20.552

¹Corresponde aproximadamente a outubro-junho no Hemisfério Norte e abril-dezembro no Hemisfério Sul.

²Chipre, Egito, Gaza, Grécia, Israel, Itália, Marrocos, Espanha e Turquia.

Fonte: FAS/USDA.

TABELA 4 - Exportação de Laranja, Principais Países, Anos Safras¹ 1991/92-1993/94
(em 1.000t)

Hemisfério e País	1991/92	1992/93	1993/94
Hemisfério Norte			
Mediterrâneo ²	2.495	2.707	2.727
Cuba	17	33	45
Japão	-	-	-
China	5	6	7
México	10	3	3
Estados Unidos	495	556	545
Subtotal	3.022	3.305	3.327
Hemisfério Sul			
Argentina	73	63	63
Austrália	81	100	115
África do Sul	387	342	350
Brasil	82	82	82
Subtotal	623	587	610
Total	3.645	3.892	3.937

¹Corresponde aproximadamente a outubro-junho no Hemisfério Norte e abril-dezembro no Hemisfério Sul.

²Chipre, Egito, Gaza, Grécia, Israel, Itália, Marrocos, Espanha e Turquia.

Fonte: FAS/USDA.

período de entressafra (maio-outubro) para 20% durante os demais meses que correspondem à colheita da região. Também são adotadas vantagens nas tarifas aduaneiras para frutas provenientes de alguns países, especificamente das suas ex-colônias da África, Coube e do Pacífico (ACPs) nos termos da Convenção de Lomé.

3.2 - Inserção Brasileira no Mercado Externo de Frutas Cítricas

Sem contar com incentivos governamentais, a exportação de fruta fresca tem-se revelado praticamente estagnada nos últimos anos, como reflexo do sistema de produção agrícola adotado pelos citricultores no Brasil, em particular no Estado de São Paulo, e da política comercial empregada pelas grandes empresas industriais-exportadoras (com custos crescentes de fretes marítimos e de materiais de embalagem).

Tem contribuído, também, para esse desempenho a melhor eficiência dos concorrentes do Brasil no segmento de fruta fresca, apoiados em produções de variedades mais indicadas para o consumo *in natura*, destacando-se entre outros Espanha, Itália, Israel e Marrocos, além da África do Sul. Com isso, estreitou-se o período de comercialização favorável à fruta brasileira - abril/maio e setembro/outubro - que é carente de apoio mercadológico e até mesmo de maior interesse por parte das principais empresas exportadoras.

Os dados estatísticos de exportação de citros no Brasil nas últimas quatro safras indicam um embarque médio anual aproximado de 100 mil toneladas. A laranja participa com 85% dessas exportações, seguida, por ordem de importância, das tangerinas, lima ácida (limão tahiti), pomelo (grapefruit), limão (siciliano) e outras frutas cítricas não especificadas. A quantidade exportada de laranja fresca não atinge 1,0% da produção nacional, sendo portanto marginal, e tem oscilado ao redor de 80 mil toneladas/ano no período de 1980 a 1993, com exceção das safras 1981, 1983 e 1984. Em termos de valores, observa-se que as exportações nesse período foram por volta de US\$16 milhões FOB, com preço médio de US\$215,00 a tonelada (mínimo de US\$182,55/t em 1980 e máximo de US\$248,57/t em 1985). As variedades mais exportadas são a pera, a baianinha (washington navel), a valência e a hamlin. As exportações de laranja em 1994 apresentaram acréscimos significativos em relação aos anos anteriores,

gerando divisas em torno de US\$27 milhões para um volume de 140 mil toneladas (Tabelas 5, 6 e 7).

Os países da UE representam o maior mercado exportador de laranja brasileira com acesso pelo porto de Rotterdã na Holanda, seguidos dos países da Ásia destacando-se os Emirados Árabes, Arábia Saudita e Kuwait. As exportações para os países que fazem parte do North America Free Trade Agreement (NAFTA) são esporádicas, pouco representativas e exclusivamente para o Canadá. Quanto aos países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e ao Chile, apenas no início da década de 1980 é que se verificaram aquisições de pequenas quantidades de laranja do Brasil por parte da Argentina, Paraguai e do país andino.

A exportação de laranja é realizada por via marítima com embarque quase que exclusivamente pelo porto de Santos, localizado em São Paulo, maior estado produtor de laranjas. Os embarques por via aérea são muito esporádicos. Quando a fruta se destina aos países vizinhos, o transporte mais utilizado é o terrestre (Tabela 8).

Dentre as empresas exportadoras de laranja no Brasil, destacam-se como líderes, por ordem de importância, a Cutrale, a Fischer e a Fazenda Sete Lagoas, que juntas na safra 1993/94⁶ participaram com mais de 80% do total brasileiro exportado pelo Porto de Santos (Tabela 9). Estas duas primeiras empresas são, ainda, as maiores no processamento de suco, representando juntas mais de 50% da capacidade total instalada no Estado de São Paulo. Também exportam frutas de produção própria e as adquiridas de terceiros. A origem do capital das empresas exportadoras é basicamente nacional, sendo várias pertencentes a grupos familiares ou formadas por cooperativas ou *pools* de produtores.

Em relação à estacionalidade das exportações, estas se concentram entre junho e outubro, embora ocorram pequenos embarques durante quase todo o ano (Tabela 10).

Quanto às exportações de tangerinas no período de 1980 a 1994, observa-se uma nítida tendência de manutenção das quantidades (ao redor de 6 mil toneladas), com exceção de 1980 quando foram de 11 mil e de 1984, de 2 mil toneladas (Tabela 11). O

⁶Os dados de exportação por país de destino e local de embarque são apresentados para o ano civil (janeiro e dezembro) e os dados por empresa para o ano safra (julho a junho do ano subsequente).

TABELA 5 - Exportações Brasileiras de Laranja, Quantidade, por Principais Países de Destino, 1980-94
(em t)

Ano	União Européia			Ásia			Outros	Total
	Holanda	Reino Unido	Portugal	Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait		
1980	38.645,0	4.428,0	-	7.101,0	7.130,0	2.542,0	21.393,5	81.239,5
1981	26.854,0	1.534,0	600,0	8.804,0	8.145,0	3.150,0	10.621,8	59.708,8
1982	40.240,0	838,0	162,0	5.596,0	11.810,0	361,0	11.049,3	70.056,3
1983	30.222,0	562,0	-	3.536,0	8.636,0	2.940,0	2.794,0	48.690,0
1984	34.489,0	11,0	720,0	-	-	12.962,0	776,8	48.958,8
1985	45.202,0	1.757,0	-	4.427,0	1.050,0	21.740,0	746,7	74.922,7
1986	60.285,0	4.857,0	59,0	-	2.607,0	18.011,0	1.986,9	87.805,9
1987	61.744,0	1.670,0	-	-	-	14.145,0	3.534,9	81.093,9
1988	62.543,0	177,0	191,0	-	11.877,0	3.474,0	847,2	79.109,2
1989	79.560,0	1.631,0	25,0	-	-	9.942,0	291,6	91.449,6
1990	57.138,0	-	7.205,0	2.760,0	9.640,0	350,0	27,0	77.120,0
1991	83.753,0	-	3.409,0	5.080,0	11.554,0	1.284,0	4.415,5	109.495,5
1992	67.913,0	-	1.792,0	1.752,0	10.932,0	-	137,4	82.526,4
1993	76.456,0	-	1.080,5	5.238,5	7.082,7	-	29,9	89.887,6
1994	110.541,5	5.888,0	6.577,3	1.303,1	13.805,6	-	2.160,7	140.276,2

Fonte: SECEX.

TABELA 6 - Exportações Brasileiras de Laranja, Valor Total FOB, por Principais Países de Destino, 1980-94
(em t)

Ano	União Européia			Ásia			Outros	Total
	Holanda	Reino Unido	Portugal	Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait		
1980	6.120,0	863,0	-	1.305,0	1.310,0	422,0	4.810,6	14.830,6
1981	5.267,0	389,0	133,0	2.905,0	2.052,0	954,0	2.626,2	14.326,2
1982	9.129,0	200,0	40,0	1.600,0	3.147,0	85,0	2.782,9	16.983,9
1983	5.956,0	137,0	-	832,0	1.974,0	672,0	618,9	10.189,9
1984	7.813,0	4,0	172,0	-	-	3.111,0	179,0	11.279,0
1985	10.288,0	387,0	-	1.265,0	312,0	6.174,0	197,2	18.623,2
1986	10.589,0	956,0	12,0	-	702,0	3.911,0	486,2	16.656,2
1987	12.878,0	318,0	-	-	-	3.248,0	751,3	17.195,3
1988	12.935,0	31,0	32,0	-	2.708,0	794,0	205,1	16.705,1
1989	15.375,0	295,0	5,0	-	-	2.066,0	64,5	17.805,5
1990	12.988,0	-	2.191,0	662,0	2.313,0	84,0	12,3	18.250,3
1991	15.956,0	-	747,0	1.167,0	2.430,0	257,0	1.045,8	21.602,8
1992	14.712,0	-	417,0	408,0	2.004,0	-	28,5	17.569,5
1993	17.438,5	-	229,8	1.210,1	1.348,1	-	7,5	20.234,0
1994	21.346,7	1.187,0	1.434,5	242,1	2.577,3	-	420,1	27.207,7

Fonte: SECEX.

TABELA 7 - Exportações Brasileiras de Laranja, Valor Médio FOB, por Principais Países de Destino, 1980-94
(em t)

Ano	União Européia			Ásia			Outros
	Holanda	Reino Unido	Portugal	Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait	
1980	158,36	194,90	-	183,78	183,73	162,81	182,55
1981	196,13	253,59	221,67	329,96	251,93	302,86	239,93
1982	226,86	238,66	246,91	285,92	266,47	235,46	242,43
1983	197,07	243,77	-	235,29	228,58	228,57	209,27
1984	226,54	363,64	238,89	-	-	239,99	230,38
1985	227,60	220,76	-	285,60	297,14	283,99	248,57
1986	175,65	196,83	203,39	-	269,28	217,15	189,69
1987	208,57	190,42	-	-	-	229,62	212,04
1988	206,82	175,14	167,54	-	228,08	228,55	211,17
1989	193,25	180,87	200,00	-	-	207,81	194,70
1990	227,31	-	304,09	239,86	239,94	240,00	236,65
1991	190,51	-	219,13	229,72	210,32	200,16	197,29
1992	216,63	-	232,70	232,88	183,32	-	212,90
1993	228,08	-	212,68	231,00	190,34	-	225,10
1994	193,11	201,60	218,10	185,79	186,69	-	193,96

Fonte: SECEX.

TABELA 8 - Quantidade e Valor FOB das Exportações de Laranja, por Local de Embarque, Brasil, 1990-1992

Cidade/Estado	1990		1991		1992	
	t	US\$1.000	t	US\$1.000	t	US\$1.000
Campinas - aer - SP	3,0	4,0	3,0	4,0	3,0	4,0
São Paulo - aer Cumbica - SP	0,2	0,2	-	-	-	-
Santos - SP	77.117,0	18.247,0	107.697,0	21.099,0	82.464,0	17.556,0
Paranaguá - PR	-	-	1.797,0	499,0	-	-
Uruguaiana - RS	-	-	-	-	60,0	10,0
Total	77.120,2	18.251,2	109.497,0	21.602,0	82.527,0	17.570,0

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 9 - Quantidade Exportada de Laranja pelo Porto de Santos, por Empresa, 1989/90-1993/94

Empresas	(em t)				
	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94
Cutrale	63.262,00	67.052,00	57.173,00	29.913,00	50.254,80
Faz. Sete Lagoas	6.838,00	8.501,00	13.872,00	13.460,00	15.848,60
Fischer	12.079,00	9.070,00	15.328,00	11.230,00	12.583,70
Alba	-	2.090,00	8.885,00	9.742,80	6.270,30
Egisto	-	-	-	5.016,00	6.438,90
Egydio	-	-	-	1.982,00	-
FruX	-	-	357,00	1.523,00	472,80
Nikita	-	-	-	515,00	-
Klaass Choenmak	-	-	244,00	372,00	-
C.A. Holambra	1.485,00	630,00	22,00	116,00	-
Priluma	-	-	76,00	3,78	-
Comodity	5.141,00	462,00	1.361,00	-	-
Samandra	1.898,00	-	-	-	-
Trace Trading	1.466,00	-	-	-	-
Montecitrus	1.052,00	-	1.044,00	-	-
Citrobrasil	449,00	810,00	-	-	-
Citrovenda	415,00	-	-	-	-
Batia	345,00	-	-	-	8,20
Braswey	270,00	-	-	-	-
Iranema	229,00	-	-	-	-
Cia da Terra	134,00	-	-	-	-
Simpex	133,00	-	-	-	-
Frugem	30,00	-	189,00	-	-
Dauson	-	1.761,00	-	-	-
Albacom. Exp.	-	1.106,00	-	-	-
Agropec. CFM Ltda	-	392,00	305,52	-	-
Brijou Frutas	-	102,00	-	-	-
Terraviva Com.	-	89,00	89,00	-	-
Ebraz	-	23,00	47,00	-	-
Terraviva	-	-	179,00	-	-
Frutland	-	-	42,00	-	-
Faz. Jaguarão	-	-	-	-	1.293,60

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 10 - Exportações Mensais de Laranja, Segundo o Volume e Valor, Brasil, 1992 e 1993

Ano	Item	Jan.	Fev.	Mar.
1992	Vol (t)	-	-	-
	Valor FOB (US\$)	-	-	-
	Preço Médio (US\$/kg)	-	-	-
1993	Vol (t)	-	14,00	14,00
	Valor FOB (US\$)	-	2.590,00	290,00
	Preço Médio (US\$/kg)	-	0,18	0,18
Ano	Item	Abr.	Maió	Jun.
1992	Vol (t)	60,00	3.065,26	11.016,04
	Valor FOB (US\$)	10.200,00	555.959,00	2.160.326,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,17	0,18	0,19
1993	Vol (t)	0,31	0,30	6.783,74
	Valor FOB (US\$)	223,00	150,00	2.158.035,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,70	0,50	0,31
Ano	Item	Jul.	Ago.	Set.
1992	Vol (t)	18.865,18	20.600,40	20.329,74
	Valor FOB (US\$)	3.941.351,00	4.398.289,00	4.669.145,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,20	0,21	0,22
1993	Vol (t)	24.578,70	23.176,96	32.183,71
	Valor FOB (US\$)	6.371.887,00	4.588.255,00	6.499.044,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,25	0,19	0,20
Ano	Item	Out.	Nov.	Dez.
1992	Vol (t)	8.590,17	-	-
	Valor FOB (US\$)	1.834.352,00	-	-
	Preço Médio (US\$/kg)	0,21	-	-
1993	Vol (t)	3.135,79	-	0,06
	Valor FOB (US\$)	611.030,00	-	210,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,19	-	3,50

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 11 - Exportações Brasileiras de Tangerina, Quantidade, por Principais Países de Destino, 1980-94 (em t)

Ano	União Européia		NAFTA	Ásia			Outros	Total
	Holanda	Portugal	Canadá	Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait		
1980	1.951,0	-	-	-	-	108,0	9.718,0	11.777,0
1981	1.069,0	-	97,0	3.187,0	427,0	467,0	419,3	5.666,3
1982	1.684,0	-	980,0	2.405,0	142,0	45,0	779,5	6.035,5
1983	1.555,0	-	898,0	1.445,0	637,0	340,0	553,0	5.428,0
1984	1.617,0	-	218,0	-	-	346,0	175,2	2.356,2
1985	2.721,0	-	266,0	360,0	-	490,0	263,5	4.100,5
1986	4.230,0	-	412,0	524,0	734,0	815,0	403,8	7.118,8
1987	3.580,0	12,0	156,0	721,0	90,0	425,0	893,0	5.877,0
1988	3.360,0	44,0	476,0	450,0	599,0	127,0	416,0	5.472,0
1989	4.980,0	40,0	420,0	180,0	179,0	425,0	407,0	6.631,0
1990	3.438,0	448,0	326,0	174,0	148,0	13,0	74,1	4.621,1
1991	6.032,0	221,0	774,0	525,0	249,0	85,0	30,1	7.916,1
1992	5.799,0	87,0	813,0	29,0	469,0	-	62,1	7.259,1
1993	4.449,0	218,4	683,9	170,7	233,1	-	306,3	6.061,4
1994	6.622,4	654,1	196,7	-	161,5	-	265,4	7.900,1

Fonte: SECEX.

Brasil exporta perto de 1% de sua produção total de tangerinas. A variedade mais exportada é a murcote. Em termos de valor exportado no período, a média FOB foi de US\$1,6 milhão por ano, não se considerando os valores de 1980 e de 1984 (Tabela 12).

O preço médio anual por tonelada foi de US\$280,00 (mínimo de US\$222,42 e máximo de US\$360,94), observando-se porém que para alguns países o preço médio por tonelada chega a ser superior a US\$1.000 (Tabela 13). Os países da UE são os maiores importadores de tangerinas do Brasil. Entretanto, o Canadá e alguns países da Ásia são mercados potenciais da tangerina brasileira. Para os países do MERCOSUL e para o Chile, ocorreram exportações apenas no início dos anos 80.

Cerca de 95% das exportações de tangerinas são transportados por via marítima a partir do Porto de Santos (Tabela 14). As empresas Cutrale e Fazenda Sete Lagoas são as líderes na exportação de tangerinas, com uma participação ao redor de 90% do total exportado pelo Porto de Santos na safra 1993/94 (Tabela 15).

As exportações são efetuadas de junho a setembro (Tabela 16).

O Brasil vem exportando apenas 0,5% de sua produção de lima ácida (limão tahiti). Entretanto, observa-se um crescimento acentuado no volume em toda a década de 80 e no início dos anos 90. Este acréscimo vem sendo acompanhado pelos preços médios por tonelada nos últimos anos, revelando não só uma melhoria de qualidade e adequação do produto aos mercados como também uma aceitação crescente por parte dos consumidores europeus acostumados com o uso de limões verdadeiros (Tabelas 17, 18 e 19).

A clientela tem apresentado excessiva concentração nos países da UE que compram virtualmente a totalidade do produto brasileiro, destacando-se França, Reino Unido e Holanda. Cerca de 90% das exportações de lima ácida têm como local de embarque o Porto de Santos, sendo que dos 10% restantes uma parte é transportada por via aérea (Tabela 20). As principais empresas exportadoras de lima ácida são Batia, Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), Frutal,

TABELA 12 - Exportações Brasileiras de Tangerina, Valor Total FOB, por Principais Países de Destino, 1980-94 (em US\$1.000)

Ano	União Européia		NAFTA	Ásia			Outros	Total
	Holanda	Portugal	Canadá	Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait		
1980	305,0	-	-	-	-	17,0	3.265,0	3.587,0
1981	256,0	-	24,0	1.180,0	165,0	165,0	255,2	2.045,2
1982	425,0	-	232,0	971,0	53,0	16,0	236,7	1.933,7
1983	338,0	-	208,0	425,0	187,0	100,0	126,0	1.384,0
1984	381,0	-	50,0	-	-	110,0	44,4	585,4
1985	688,0	-	91,0	135,0	-	180,0	75,3	1.169,3
1986	863,0	-	97,0	195,0	273,0	259,0	119,2	1.806,2
1987	791,0	3,0	31,0	260,0	37,0	135,0	218,4	1.475,4
1988	751,0	20,0	138,0	164,0	214,0	40,0	123,0	1.450,0
1989	1.056,0	20,0	77,0	55,0	60,0	87,0	119,9	1.474,9
1990	985,0	199,0	63,0	72,0	61,0	5,0	32,4	1.417,4
1991	1.712,0	63,0	231,0	199,0	86,0	25,0	10,2	2.326,2
1992	1.555,0	43,0	225,0	7,0	136,0	-	30,2	1.996,2
1993	1.065,1	87,0	204,5	42,8	58,5	-	81,3	1.539,2
1994	1.564,0	168,5	78,9	-	42,2	-	66,4	1.920,0

Fonte: SECEX.

TABELA 13 - Exportações Brasileiras de Tangerina, Valor Médio FOB, por Principais Países de Destino, 1980-94 (em US\$/t)

Ano	União Européia		NAFTA	Ásia			Outros
	Holanda	Portugal	Canadá	Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait	
1980	156,33	-	-	-	-	157,41	304,58
1981	239,48	-	247,42	370,25	386,42	353,32	360,94
1982	252,38	-	236,73	403,74	373,24	355,56	320,39
1983	217,36	-	231,63	294,12	293,56	294,12	254,97
1984	235,62	-	229,36	-	-	317,92	248,45
1985	252,85	-	342,11	375,00	-	367,35	285,16
1986	204,02	-	235,44	372,14	371,93	317,79	253,72
1987	220,95	250,00	198,72	360,61	411,11	317,65	251,05
1988	223,51	454,55	289,92	364,44	357,26	314,96	264,99
1989	212,05	500,00	183,33	305,56	335,20	204,71	222,43
1990	286,50	444,20	193,25	413,79	412,16	384,62	306,72
1991	283,82	285,07	298,45	379,05	345,38	294,12	293,86
1992	268,15	494,25	276,75	241,38	289,98	-	274,99
1993	239,40	398,35	299,02	250,73	250,97	-	253,93
1994	236,17	257,61	401,12	-	261,30	-	243,03

Fonte: SECEX.

TABELA 14 - Quantidade e Valor das Exportações Brasileiras de Tangerina, por Local de Embarque, 1990-1992

Cidades/Estado	1990		1991		1992	
	t	US\$1.000	t	US\$1.000	t	US\$1.000
Rio de Janeiro - aer - RJ	0,2	0,2	0,1	0,1	-	-
Campinas - aer - SP	0,9	1,0	0,1	0,1	-	-
São Paulo - aer - SP	16,0	6,0	16,0	6,0	8,0	7,0
Santos - SP	4.605,0	1.410,0	7.356,0	2.104,0	7.035,0	1.916,0
Paranaguá - PR	-	-	544,0	218,0	216,0	72,0
Brasília - aer - DF	-	-	-	-	0,9	1,0
Total	4.622,1	1.417,2	7.916,2	2.328,2	7.259,9	1.996,0

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 15 - Exportação de Tangerina pelo Porto de Santos, Empresas Exportadoras, Quantidade Exportada, 1989/90-1993/94

Empresa	(em t)				
	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94
Cutrale	3.112,9	3.166,9	2.915,4	2.544,9	4.633,9
Faz. Sete Lagoas	2.412,5	2.199,2	3.009,9	1.891,3	1.978,5
Nikita	-	-	-	455,5	-
Priluma	-	108,8	507,3	401,5	108,7
Batia	400,1	153,9	101,9	237,8	109,4
Cacique	-	-	-	117,6	113,5
Fischer	-	-	121,2	100,8	-
C.A. Cotia	36,0	94,5	97,6	64,2	-
Klaas Schoenmak	-	-	-	58,3	-
Agroexotic	-	1,4	-	53,9	-
Tasty	-	-	-	35,4	-
Frutland	-	-	-	16,8	-
Alba	-	-	67,5	-	-
Carexport	37,2	9,8	37,3	-	-
Riceia	-	37,8	18,9	-	-
Frutropie	-	19,3	-	-	-
Sonia	235,9	-	-	-	-
Simpex	99,0	-	-	-	-
Trace Trading	53,8	-	-	-	-
C.A. Holambra	37,5	-	-	-	-
Cia da Terra	18,5	-	-	-	-
Tropic	9,6	-	-	-	-

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 16 - Volume, Valor e Preço Médio das Exportações Mensais de Tangerina, Brasil, 1992 e 1993

Ano	Item	Jan.	Fev.	Mar.
1992	Vol (t)	-	-	-
	Valor FOB (US\$)	-	-	-
	Preço Médio (US\$/kg)	-	-	-
1993	Vol (t)	27,98	-	-
	Valor FOB (US\$)	8.392,00	-	-
	Preço Médio (US\$/kg)	0,29	-	-
Ano	Item	Abr.	Maió	Jun.
1992	Vol (t)	1,34	13,24	835,56
	Valor FOB (US\$)	1.341,00	4.921,00	243.761,00
	Preço Médio (US\$/kg)	1,00	0,37	0,29
1993	Vol (t)	0,14	0,38	1.495,51
	Valor FOB (US\$)	113,00	151,00	375.652,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,81	0,40	0,25
Ano	Item	Jul.	Ago.	Set.
1992	Vol (t)	3.579,04	2.318,72	492,44
	Valor FOB (US\$)	957.497,00	643.405,00	138.436,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,26	0,27	0,28
1993	Vol (t)	2.350,42	1.792,66	394,28
	Valor FOB (US\$)	593.941,00	462.076,00	98.822,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,25	0,25	0,25
Ano	Item	Out.	Nov.	Dez.
1992	Vol (t)	19,15	0,65	-
	Valor FOB (US\$)	5.745,00	1.000,00	-
	Preço Médio (US\$/kg)	0,29	1,53	-
1993	Vol (t)	0,02	-	-
	Valor FOB (US\$)	108,00	-	-
	Preço Médio (US\$/kg)	5,40	-	-

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 17 - Exportações Brasileiras de Lima Ácida, Quantidade, por Principais Países de Destino, 1983-94
(em t)

Ano	União Européia			Outros	Total
	Holanda	Reino Unido	França		
1983	0,7	60,0	186,0	51,4	298,1
1984	16,0	171,0	350,0	162,4	699,4
1985	246,0	386,0	875,0	239,7	1.746,7
1986	394,0	311,0	1.116,0	384,9	2.205,9
1987	384,0	184,0	1.205,0	433,3	2.206,3
1988	598,0	203,0	1.234,0	415,2	2.450,2
1989	960,0	358,0	1.367,0	354,7	3.039,7
1990	569,0	424,0	1.477,0	202,6	2.672,6
1991	925,0	847,0	1.649,0	156,0	3.577,0
1992	914,0	1.023,0	1.189,0	285,5	3.411,5
1993	809,2	1.106,3	1.592,1	509,1	4.016,7
1994	795,7	657,4	743,8	301,0	2.497,9

Fonte: SECEX.

TABELA 18 - Exportações Brasileiras de Lima Ácida, Valor Total FOB, por Principais Países de Destino, 1983-93
(em t)

Ano	União Européia			Outros	Total
	Holanda	Reino Unido	França		
1983	3,0	31,0	76,0	32,2	139,5
1984	6,0	64,0	98,0	67,2	235,2
1985	87,0	209,0	260,0	110,0	666,0
1986	131,0	122,0	419,0	169,0	841,0
1987	133,0	75,0	426,0	170,0	804,0
1988	351,0	68,0	394,0	151,5	964,5
1989	289,0	113,0	427,0	123,6	952,6
1990	173,0	131,0	449,0	68,2	821,2
1991	440,0	357,0	653,0	49,4	1.499,4
1992	418,0	514,0	503,0	122,2	1.557,2
1993	386,8	594,0	810,1	188,3	1.979,2
1994	409,6	487,1	451,3	143,8	1.491,8

Fonte: SECEX.

TABELA 19 - Exportações Brasileiras de Lima Ácida, Valor Médio FOB, Por Principais Países de Destino, 1983-94
(em US\$/t)

Ano	União Européia			Outros	Geral
	Holanda	Reino Unido	França		
1983	428,57	516,67	408,60	626,46	467,96
1984	375,00	374,27	280,00	413,79	336,29
1985	353,66	541,45	297,14	458,91	381,29
1986	332,49	392,28	375,45	439,08	381,25
1987	346,35	407,61	353,53	392,34	364,41
1988	586,96	334,98	319,29	364,88	393,64
1989	301,04	315,64	312,36	348,46	313,39
1990	304,04	308,96	303,99	336,62	307,27
1991	475,68	421,49	396,00	316,67	419,18
1992	457,33	502,44	423,04	428,02	456,46
1993	478,00	536,92	508,82	369,87	492,74
1994	514,77	740,95	606,75	477,74	597,22

Fonte: SECEX.

TABELA 20 - Quantidade e Valor das Exportações de Lima Ácida, por Local de Embarque, Brasil, 1990-1992

Cidade/Estado	1990		1991		1992	
	t	US\$1.000	t	US\$1.000	t	US\$1.000
Recife - PE	-	-	-	-	70,0	35,0
Rio de Janeiro - aer - RJ	2,0	1,0	12,0	4,0	9,0	9,0
Campinas - aer - SP	179,0	54,0	100,0	31,0	136,0	58,0
São Paulo - aer Cumbica - SP	50,0	15,0	56,0	22,0	132,0	49,0
Santos - SP	2.434,0	747,0	3.223,0	1.357,0	3.066,0	1.407,0
Rio de Janeiro - RJ	8,0	3,0	178,0	80,0	-	-
São Franc. Sul - SC	-	-	8,0	6,0	-	-
Total	2.673,0	820,0	3.577,0	1.500,0	3.413,0	1.558,0

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

Indaia e Egydio, que participam com cerca de 80% do total exportado (Tabela 21). As exportações de lima ácida ocorrem em pequenas quantidades durante o ano todo (Tabela 22).

Quanto às demais frutas cítricas, destacam-se o pomelo (grapefruit) e o limão (siciliano e eureka), cujas exportações são pouco expressivas. A reduzida produção de pomelo no Brasil destina-se quase que exclusivamente ao mercado externo, sendo até o momento muito pequeno o consumo interno dessa fruta.

Várias das empresas exportadoras de frutas cítricas não têm sido constantes no mercado e muitas delas poderão desaparecer da relação de exportadores, já que, sem tradição comercial, não deverão ter condições para permanecer num segmento bastante competitivo e que exige sólida estrutura operacional. É evidente que algumas fizeram apenas embarques experimentais e até mesmo ocasionais (ou de oportunidade).

Cabe destacar que os pequenos e médios exportadores de fruta fresca se congregam na Associa-

TABELA 21 - Quantidade Exportada de Limas Ácidas pelo Porto de Santos, por Empresa, 1989/90-1993/94

Empresa	(em t)				
	1989/90	1990/91	1991/92	1992/93	1993/94
Egydio	-	-	255,0	863,6	653,0
C. A. Cotia	141,8	62,0	687,3	618,7	252,6
Indaia	958,7	1.043,8	893,9	555,8	617,7
Balia	110,9	68,9	92,3	440,6	293,8
Frutal	729,6	646,3	780,9	329,4	124,9
Brasfruit	-	-	-	65,3	146,9
Priluma	-	17,5	9,0	55,4	33,7
Riccia	-	-	70,1	8,8	-
Casa das Frutas	-	-	-	8,0	-
Agroexotic	30,2	53,2	90,7	7,6	47,0
Corte Capelinha	48,7	507,4	257,0	-	-
Farex	-	-	27,7	-	89,8
Sakura	-	-	16,9	-	-
Tropical	8,9	8,2	14,5	-	13,4
Terraviva	-	-	7,2	-	-
Colibri	-	-	6,7	-	-
Comodity	-	10,2	6,6	-	-
Export Fruits	-	227,7	-	-	-
Guy Vautrin	-	15,4	-	-	-
Trace Trading	68,9	7,6	-	-	-
Carexport	7,8	7,6	-	-	-
Solexport	373,5	-	-	-	-
Inter Company's	54,2	-	-	-	-
Simpex	43,2	-	-	-	-
Frugem	15,7	-	-	-	-
Boa Sorte	15,1	-	-	-	-
Cutrale	13,0	-	-	-	-
Pivot	13,0	-	-	-	-
C.A.Holambra	-	-	-	-	59,9
Cacique	-	-	-	-	29,8
Excom Trading	-	-	-	-	33,4

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

TABELA 22 - Quantidade, Valor e Preço Médio das Exportações Mensais de Lima Ácida, Brasil, 1992 e 1993

Ano	Item	Jan.	Fev.	Mar.
1992	Vol (t)	394,08	420,77	384,38
	Valor FOB (US\$)	146.575,00	203.780,00	193.015,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,37	0,48	0,50
1993	Vol (t)	532,39	338,29	552,71
	Valor FOB (US\$)	280.807,00	181.411,00	236.669,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,52	0,53	0,45
Ano	Item	Abr.	Mai	Jun.
1992	Vol (t)	394,73	403,72	346,73
	Valor FOB (US\$)	160.035,00	166.883,00	147.168,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,40	0,41	0,42
1993	Vol (t)	1.078,87	320,80	185,74
	Valor FOB (US\$)	436.229,00	119.603,00	62.743,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,40	0,37	0,33
Ano	Item	Jul.	Ago.	Set.
1992	Vol (t)	86,36	19,84	162,19
	Valor FOB (US\$)	34.437,00	9.082,00	85.117,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,39	0,45	0,52
1993	Vol (t)	97,33	59,10	115,46
	Valor FOB (US\$)	40.681,00	19.684,00	42.272,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,41	0,33	0,36
Ano	Item	Out.	Nov.	Dez.
1992	Vol (t)	152,42	257,50	391,23
	Valor FOB (US\$)	73.667,00	133.417,00	204.171,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,48	0,51	0,52
1993	Vol (t)	193,30	112,22	460,24
	Valor FOB (US\$)	141.847,00	43.412,00	373.698,00
	Preço Médio (US\$/kg)	0,73	0,38	0,81

Fonte: SECEX (BRASIL, 1980-93 e 1994).

ção Nacional dos Exportadores de Hortigranjeiros (Hortinexa), enquanto aqueles que são também produtores de sucos cítricos (como Cutrale, Fischer e Montecitrus) se encontram vinculados à Associação Brasileira dos Exportadores de Citrus (ABECITRUS). A única grande empresa exportadora que não possui fábrica de suco é a Fazenda Sete Lagoas (Grupo Van Parys), de longa tradição no mercado.

4 - PRODUÇÃO E MERCADO BRASILEIRO DE FRUTAS CÍTRICAS

A produção de citros no Brasil encontra-se

disseminada por todo o território nacional, com grande importância econômica e social para diversos estados onde se situa entre as principais culturas. Não existem no País limitações de clima para os citros, exceto em algumas áreas do nordeste onde as chuvas são inferiores a 700mm por ano e em outras no sul onde podem ocorrer geadas fortes.

A altitude nas regiões de plantio varia de 20m a 800m, o regime pluviométrico de 1.000 a 1.800mm anuais e a temperatura média anual de 19°C a 25°C. Independente da região, as floradas ocorrem comumente de agosto a outubro, podendo haver mais de uma por ano, e a colheita estende-se de março de um ano a fevereiro do ano seguinte em função das espécies

e variedades plantadas. Os solos das regiões citrícolas possuem, em geral, baixa fertilidade, especialmente em fósforo; são profundos, bem drenados e de topografia plana a levemente inclinada.

4.1 - Destino da Produção e Consumo por Habitante

A industrialização da laranja representa o principal destino da produção brasileira, tendo absorvido em média 70% no período de 1985 a 1994 (Tabela 23). A exportação de fruta fresca é muito pouco expressiva, inferior a 1%, ficando o restante (29%) para absorção pelo mercado interno, incluindo-se as perdas. As estimativas do destino das produções de tangerinas e de limão são apresentadas nas tabelas 24 e 25. Em média, cerca de 30% da produção de tangerina são utilizados no processamento industrial no Brasil, para obtenção do suco concentrado e do óleo essencial da casca geralmente bastante valorizado no mercado.

Da produção brasileira de limão e de limas ácidas estima-se que, em média, a industrialização absorve aproximadamente 17%, enquanto para o consumo interno são destinados 83%, uma vez que a exportação de fruta fresca não representa sequer 1% do total.

Periodicamente a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) realiza, no Brasil, Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) para avaliar o consumo alimentar por habitante, feito nos domicílios (residenciais) dos consumidores. Os estudos mais recentes foram realizados em 1987/88.

O consumo de laranja pera é expressivo (92% da quantidade) em relação ao da baianinha e da lima, com 9% e 7% respectivamente, o que é consistente com as informações disponíveis sobre variedades plantadas. O consumo nos domicílios relativos às onze regiões metropolitanas era, em média, da ordem de 17kg por habitante por ano, variando de 8kg/hab. na região urbana de Belém (PA) a 23kg/hab. na de São Paulo (Tabela 26).

Levantamento do consumo mensal per capita de alimentos na cidade de São Paulo, relativo ao período de março de 90 a fevereiro de 92, elaborado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE/USP) para atualização dos índices de estrutura de gastos familiares, revelou que o consumo de laranja nos domicílios foi de 20kg/hab./ano. Ao se admitir que o consumo nos domicílios represente em média 90% do

total, esse índice passaria a cerca de 22kg/hab./ano, ou seja, tem se mantido praticamente inalterado.

Quando se considera a disponibilidade interna de laranja no período de 1980 a 1991, esse indicador em termos brasileiros é da ordem de 25kg/hab./ano, variando entre 22 e 27kg/hab./ano, quando se adotam médias móveis trienais, a fim de se eliminar repentinas (ou bruscas) alterações que possam ocorrer de um ano para o outro (como em 1985, por exemplo) provocadas por fatores inesperados (tais como clima, choques econômicos e restrições à exportação) e que acabam por mascarar uma tendência de padrões de consumo.

Quanto às tangerinas e ao limão, em São Paulo o consumo por habitante é respectivamente de 3,0kg e 1,5kg por ano. Nas demais regiões metropolitanas, estes índices são em média de 0,62kg/hab. e de 0,53kg/hab.

4.2 - Principais Regiões em Área Citrícola

A área colhida com citros no Brasil⁷, em 1992, era de 836 mil hectares, tendo havido aumento aproximado de 32% em relação à área estimada em 1980. A laranja ocupa, em média, cerca de 90% da área total de frutas cítricas, a tangerina 5,6% e o limão 4,4% (Tabela 27).

Os principais estados produtores de laranja no Brasil são, por ordem de importância: São Paulo, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Goiás, representando nos últimos anos ao redor de 95% da área nacional (Tabela 28 e Figura 1).

Em Sergipe, estima-se que atualmente a área plantada com laranja seja da ordem de 45 mil hectares e que 20% das plantas não entraram ainda em produção (menos de 4 anos). A área colhida, em 1993, foi de 38 mil hectares.

Na Bahia, a área colhida está estimada em 41 mil hectares, não se dispondo no momento de estimativa oficial a respeito dos plantios novos, que foram feitos principalmente na região do litoral norte do Estado.

Também para Minas Gerais os dados oficiais referem-se apenas à área com pés em produção (área colhida) da ordem de 41 mil hectares. Na região do triângulo mineiro (Uberaba, Frutal e Uberlândia), es-

⁷Não inclui pomelo (grapefruit).

TABELA 23 - Estimativas do Destino da Produção de Laranja, Brasil, 1985 e 1989-94

Item	1985		1989		1990		1991		1992		1993		1994	
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%
Produção	10.906	100,0	14.566	100,0	12.951	100,0	14.023	100,0	14.743	100,0	15.261	100,0	14.361	100,0
Exportação	75	1,0	91	1,0	77	1,0	109	1,0	82	1,0	89	0,6	122	0,9
Industrialização	8.160	75,0	10.649	68,0	8.854	68,0	9.465	68,0	11.220	68,0	10.445	68,4	10.118	70,5
Consumo interno ¹	2.671	24,0	3.826	31,0	4.020	31,0	4.449	31,0	3.441	31,0	4.727	31,0	4.121	28,7

¹Inclui perdas.

Fonte: IEA, FIBGE e SECEX.

TABELA 24 - Estimativa do Destino da Produção de Tangerinas, Brasil, 1985 e 1989-92

Item	1985		1989		1990		1991		1992	
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%
Produção	678	100,0	625	100,0	661	100,0	661	100,0	668	100,0
Exportação	4	0,6	7	1,1	5	0,8	8	1,2	7	1,0
Industrialização	231	34,1	169	23,0	196	29,6	172	26,0	158	23,6
Consumo interno ¹	443	65,3	449	71,8	460	69,6	481	72,8	503	75,4

¹Inclui perdas.

Fonte: IEA, FIBGE e SECEX.

TABELA 25 - Estimativa do Destino da Produção de Limão, Brasil, 1985 e 1989-92

Item	1985		1989		1990		1991		1992	
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%
Produção	470,2	100,0	672,3	100,0	685,4	100,0	685,2	100,0	780,0	100,0
Exportação	1,7	0,4	3,0	0,5	2,7	0,4	3,6	0,5	3,4	0,4
Industrialização	77,9	16,6	151,0	22,5	134,6	19,6	93,8	13,7	85,7	11,0
Consumo interno ¹	388,6	82,7	518,3	77,1	548,1	80,0	587,8	85,8	690,9	88,6

¹Inclui perdas.

Fonte: IEA, FIBGE e SECEX.

TABELA 26 - Consumo de Frutas Cítricas nas Regiões Metropolitanas, Brasil, 1987/88
(kg/hab/ano)

Região Metropolitana	Laranja	Limão	Tangerina
Belém	8,1	0,5	0,3
Fortaleza	13,2	0,3	0,1
Recife	15,2	0,3	0,3
Salvador	15,2	0,7	0,6
Belo Horizonte	14,3	0,4	0,6
Rio de Janeiro	15,1	1,1	0,9
São Paulo	23,5	1,5	3,1
Curitiba	11,6	0,4	0,9
Porto Alegre	9,1	0,6	1,3
Brasília	14,5	0,6	0,7
Goiânia	13,2	0,3	0,4
Total	17,2	1,0	1,6

Fonte: POF-FIBGE (PESQUISA, 1991).

TABELA 27 - Área Colhida de Frutas Cítricas, Brasil, 1980-1992

Ano	Laranja		Tangerina		Limão		Total	
	1.000ha	%	1.000ha	%	1.000ha	%	1.000ha	%
1980	575,2	90,9	34,9	5,5	22,9	3,6	633,0	100,0
1981	575,6	90,6	36,9	5,8	22,9	3,6	635,4	100,0
1982	589,4	90,2	39,1	5,9	24,7	3,9	653,2	100,0
1983	624,4	90,0	42,3	6,1	26,9	3,9	693,6	100,0
1984	631,9	89,5	46,2	6,5	28,0	4,0	706,1	100,0
1985	662,3	89,6	47,7	6,4	29,2	4,0	739,2	100,0
1986	707,2	90,1	47,1	5,9	30,8	4,0	785,1	100,0
1987	724,8	89,8	46,6	5,8	35,8	4,4	807,2	100,0
1988	760,2	89,9	46,4	5,9	39,1	4,2	845,7	100,0
1989	825,7	90,7	45,1	4,9	39,2	4,4	910,0	100,0
1990	858,8	90,9	44,9	4,7	40,4	4,4	944,1	100,0
1991	881,8	91,2	45,2	4,7	40,1	4,1	967,1	100,0
1992	750,1	89,7	44,2	5,3	42,0	5,0	836,3	100,0

Fonte: FIBGE, IEA.

TABELA 28 - Área Colhida de Laranja, por Estado, Brasil, 1975, 1980 e 1985-94

Estado	(em ha)					
	1975	1980	1985	1986	1987	1988
Sergipe	8.449	23.257	28.309	28.997	29.462	30.637
Bahia	8.215	10.452	16.000	16.540	16.540	17.500
Minas Gerais	20.719	25.954	31.758	31.890	31.866	31.728
Rio de Janeiro	35.872	35.082	34.429	36.071	32.574	32.601
São Paulo	272.440	427.450	503.629	541.855	563.487	595.674
Rio Grande do Sul	22.270	22.931	20.480	21.068	21.464	21.856
Goiás ¹	-	-	2.550	2.680	2.815	3.000
Paraná ¹	-	-	4.530	4.440	4.293	4.149
Subtotal	367.965	545.126	641.685	683.541	705.501	737.145
Outros	35.227	30.123	20.628	23.685	22.265	23.053
Brasil	403.192	575.249	662.313	707.226	724.766	760.198
Estado	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Sergipe	32.526	34.374	35.600	37.219	38.484	39.222
Bahia	27.913	28.691	32.300	36.928	39.255	41.702
Minas Gerais	33.007	33.432	33.700	37.111	37.541	41.430
Rio de Janeiro	35.020	34.186	34.100	28.602	29.026	26.978
São Paulo	641.302	671.163	686.200	548.846 ²	584.615 ³	556.154 ⁴
Rio Grande do Sul	24.872	25.324	24.900	25.591	27.778	28.858
Goiás ¹	2.950	3.580	4.300	4.757	5.609	5.687
Paraná ¹	4.200	4.261	4.421	5.346	5.650	7.800
Subtotal	801.790	835.011	855.521	724.400	767.958	747.831
Outros	23.880	23.799	26.279	25.673	31.529	36.323
Brasil	825.670	858.810	881.800	750.073	799.487	784.154

¹Até o ano de 1984 incluído em outros.

²Pelo IBGE seria 783.674 hectares e o total nacional 987.013 hectares. O dado apresentado é do IEA e foi ratificado, considerando-se 260 plantas/ha.

³Pelo IBGE seria 557.692 hectares e o total nacional 772.564 hectares. O dado de S. Paulo é de área colhida levantada pelo IEA em setembro de 1993.

⁴Pelo IBGE seria 668.075 hectares e o total nacional 896.075 hectares.

Fonte: IEA, FIBGE.

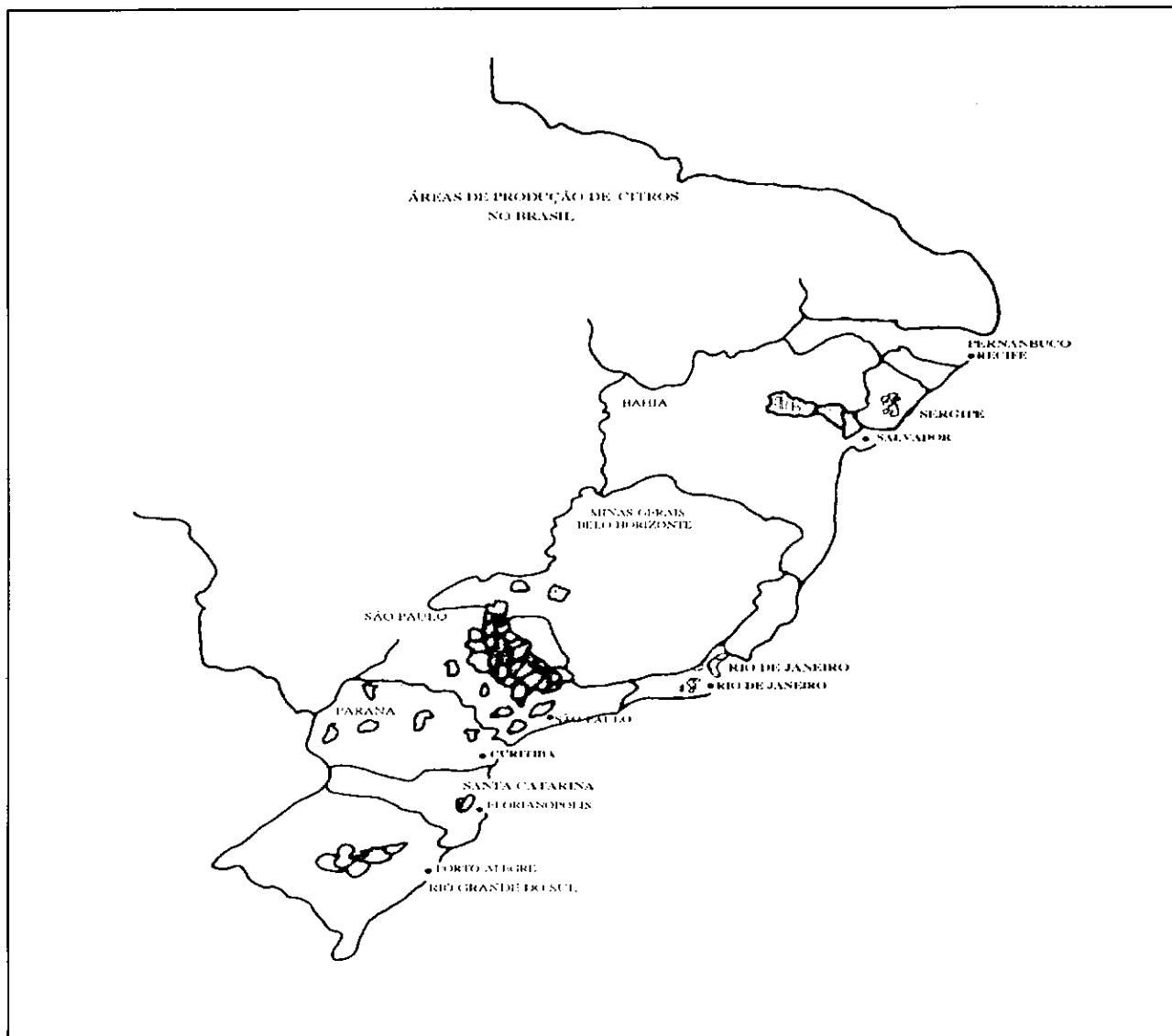


FIGURA 1 - Principais Áreas de Produção de Citros no Brasil.

Fonte: IEA.

tima-se extra-oficialmente uma área de aproximadamente 4 mil hectares com plantações novas que foram instaladas nos últimos quatro anos em solos de cerrado.

Os dados estatísticos de laranja do Rio de Janeiro indicam que a área colhida se manteve praticamente constante ao redor de 34 mil hectares até 1991, decrescendo nos anos subsequentes.

No Rio Grande do Sul, a área colhida tem-se mantido em torno de 25 mil hectares e não se conhece oficialmente a taxa média anual de plantio, embora se saiba que existe uma reposição de plantas de modo a manter estabilizado o parque estadual de produção de laranja.

Nos estados do Paraná e de Goiás, a área média colhida está ao redor de 5 mil hectares, sendo que no Paraná as estatísticas oficiais indicam para 1994 uma área total (pés novos e em produção) de 7,5 mil hectares localizados nas regiões de Paranavaí, Maringá, Umuarama e Apucarana.

Finalmente no Estado de São Paulo, pelo tamanho da citricultura e dinâmica de plantio, com a adoção de novas tecnologias, os dados estatísticos têm origem em diferentes fontes, destacando-se os levantamentos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA), por meio do IEA e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), que são também

adotados pela FIBGE, e os levantamentos feitos pela iniciativa privada, principalmente pelas indústrias de suco e pelas empresas vendedoras de insumos agrícolas (adubos e defensivos). Todavia, pode-se admitir que as estimativas feitas pelas instituições particulares ligadas ao setor levam em conta apenas os pomares comerciais, deixando de lado aqueles que têm a finalidade de auto-consumo nas propriedades agrícolas.

Nesse contexto, podem-se destacar alguns pontos de importância nesse processo recente: a) o plantio anual tem sido intenso nos últimos anos, podendo-se estimar que existam atualmente perto de 43 milhões de pés novos que ainda deverão entrar em produção (Tabela 29 e Figura 2); b) em função do adensamento de plantio que se vem verificando de forma crescente (em termos de números de produtores que adotam esta técnica), estes 40 milhões de pés novos devem estar ocupando agora uma área estimada em 160 mil hectares; c) para as plantações em produção, na safra 1993/94 a área ocupada segundo levantamento da SAA seria de 616 mil hectares, uma vez que se adota 260 plantas por hectare; d) segundo levantamentos efetuados pela indústria de suco, o número de plantas em produção no Estado de São Paulo estaria, em 1994, próximo a 150 milhões, portanto 6% menor do que o das estatísticas oficiais; e) finalmente, ao se considerar como válido este número de plantas em produção, então a área estaria entre 576 mil e 616 mil hectares quando se adota a densidade de plantio da SAA (260 plantas por hectare).

Quanto aos plantios de limão e de tangerinas, os dados estatísticos por Estado e para o País são mais esparsos que os da laranja.

No caso do limão (inclusive lima ácida-tahiti), a tendência, no período de 1980 a 1992, foi de aumento de 83% na área colhida, atingindo pouco mais de 42 mil hectares em 1992. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul são os maiores produtores, sendo que a área colhida em São Paulo representa mais de 60% do total nacional. As principais regiões produtoras são: Sorocaba, São Carlos e Ribeirão Preto (Tabela 30 e Figura 3).

Para as tangerinas (ponkan, cravo, murcote e mexerica), pode-se considerar que a área colhida se encontra ao redor de 44 mil hectares, tendo apresentado no período de 1980 a 1992 um acréscimo de 27%. No Estado de São Paulo, a área com tangerinas praticamente manteve-se estável, participando com cerca de

50% do total brasileiro. Rio Grande do Sul e Paraná representam juntos cerca de 33%. No Estado do Paraná, as principais regiões produtoras de tangerina são: Curitiba, Paranaguá, Londrina e Vale do Ribeira. No Estado do Rio Grande do Sul (onde a mexerica é chamada de bergamota), podem-se encontrar plantações comerciais principalmente nas regiões do Vale do Rio Taquari (municípios de Triunfo, General Câmara e Taquari) e do Vale do Rio Cai (municípios de Montenegro e São Sebastião do Cai), bem como em municípios próximos a Porto Alegre na direção da Serra Gaúcha (Tabela 31). No Estado de São Paulo, destacam-se as regiões de Sorocaba, Limeira, Taquaritinga, São Carlos e Registro (Figura 4).

4.3 - Produção de Citros nas Principais Regiões

A estimativa de produção de laranja no Brasil, em 1994, foi de 14 milhões de toneladas, tendo havido um aumento de 57% em relação à produção colhida em 1980 (Tabela 32). Evidencia-se que no período analisado (1980/1994) ocorreram significativos aumentos na produção de laranja nos principais Estados produtores, com exceção do Rio de Janeiro.

No Estado de São Paulo, que representa cerca de 80% da produção nacional, para a safra agrícola 1993/94 a previsão de colheita do IEA era de 296,1 milhões de caixas ou 12,1 milhões de toneladas, representando uma redução de 3,2% em relação à safra anterior. Entretanto, com uma prolongada e forte estiagem de maio a outubro de 1994, a estimativa foi rebaixada para 274,3 milhões de caixas ou 11,2 milhões de toneladas.

Quanto às tangerinas, a produção brasileira em 1992 foi da ordem de 670 mil toneladas, correspondendo a um acréscimo de 36% em relação a 1980, ou seja, apenas metade do observado para a laranja. O Estado de São Paulo participa com quase 50% da produção nacional, vindo a seguir o Rio Grande do Sul, com 20%, e o Paraná com 10% (Tabela 33).

A produção de limão e de limas ácidas também aumentou 150% no período de 1980 a 1992, atingindo em 1992 um total de 780 mil toneladas. O Estado de São Paulo é responsável por mais de 70% da produção nacional, seguido dos estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, que juntos representam cerca de 12% (Tabela 34).

TABELA 29 - Número de Pés Novos e em Produção, Cultura da Laranja, Estado de São Paulo, 1980 e 1985-94
(em 1.000)

Ano	Pés novos		Pés em produção		Total	
	nº pés	ha	nº pés	ha	nº pés	ha
1980	22.730	81.178	83.850	427.450	106.580	508.628
1985	20.570	73.464	108.450	503.629	129.020	577.093
1986	24.995	89.267	110.590	541.855	135.585	631.122
1987	25.860	92.357	118.880	563.487	144.740	655.844
1988	28.400	101.428	128.070	595.674	156.470	697.102
1989	34.480	123.143	137.880	641.302	172.360	764.445
1990	36.560	130.571	144.300	671.163	180.860	801.734
1991	40.870	145.964	155.600	686.200	196.470	832.164
1992	55.800	199.286	142.700	548.846	198.500	748.132
1993	55.800	199.286	152.000	584.615	207.800	783.901
1994	43.600	155.714	160.400	616.923	204.000	772.637

Fonte: IEA.

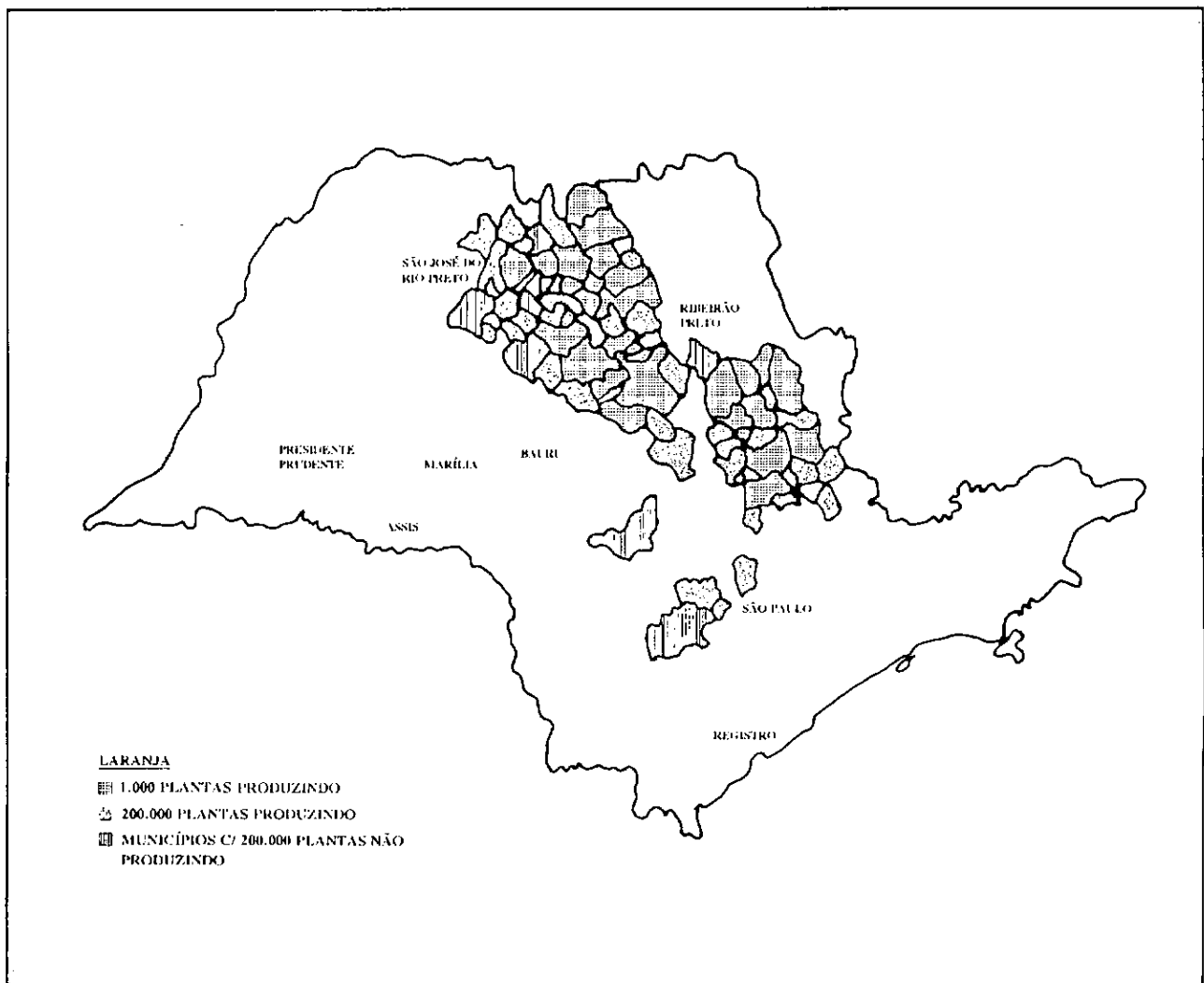


FIGURA 2 - Laranja, Produção por Município no Estado de São Paulo.

Fonte: IEA.

TABELA 30 - Área Colhida de Limão por Estado, Brasil, 1980 e 1985-92
(em ha)

Estado	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Minas Gerais	999	1.523	1.591	1.819	1.837	1.474	1.455	1.390	1.346
Rio de Janeiro	1.887	2.646	2.685	3.000	2.832	3.063	3.141	3.111	3.173
São Paulo	14.378	18.075	19.027	22.418	25.880	26.574	27.334	27.326	28.962
Rio Grande do Sul	1.458	1.914	2.116	2.098	2.198	2.117	2.340	2.376	2.346
Goiás	75	212	338	873	897	861	849	805	755
Bahia	1.022	1.050	917	915	814	797	769	776	989
Sergipe	514	298	372	402	407	437	475	542	623
Paraná	519	424	421	409	397	409	489	462	412
Subtotal	20.852	26.142	27.467	31.934	35.262	35.732	36.852	36.788	38.606
Outros	2.073	3.019	3.386	3.859	3.845	3.445	3.548	3.314	3.448
Brasil	22.925	29.161	30.853	35.793	39.107	39.177	40.400	40.102	42.054

Fonte: FIBGE.

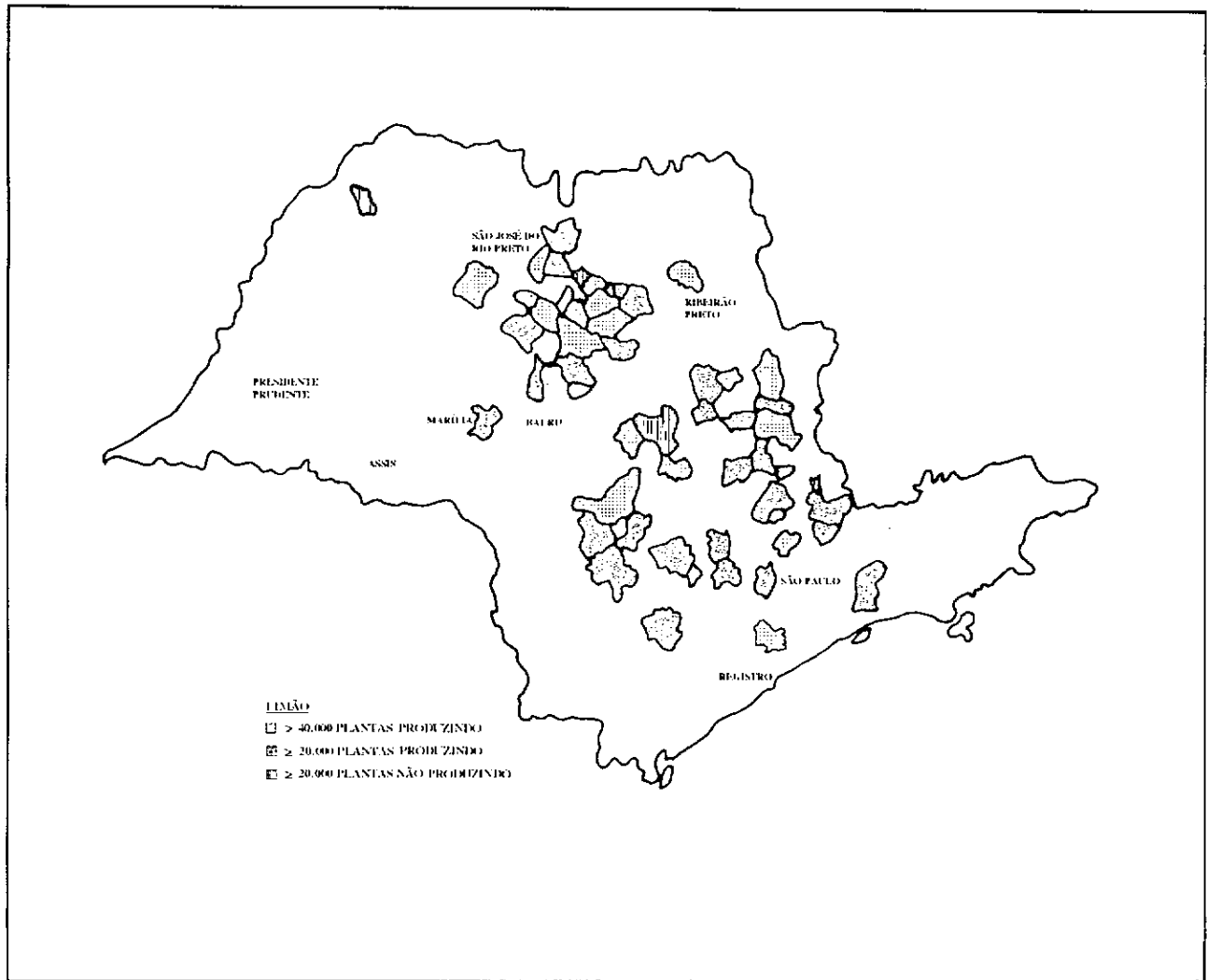


FIGURA 3 - Limão, Produção por Município no Estado de São Paulo.
Fonte: IEA.

TABELA 31 - Área Colhida de Tangerina por Estado, Brasil, 1980 e 1985-92

		(em ha)								
Estado	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	
Minas Gerais	2.294	2.818	2.824	2.799	2.693	2.569	2.297	2.035	2.112	
Rio de Janeiro	1.611	1.940	1.463	1.503	1.681	1.425	1.586	1.974	1.417	
São Paulo	19.693	26.997	26.476	26.504	25.077	24.195	22.947	22.943	22.044	
Bahia	957	1.104	692	678	1.586	1.547	1.541	1.531	1.612	
Sergipe	112	98	98	98	95	98	98	98	98	
Paraná	1.669	3.722	3.748	3.639	3.904	3.925	4.796	4.911	4.727	
Rio Grande do Sul	5.966	8.050	8.234	8.323	8.456	8.471	9.181	9.357	9.702	
Subtotal	32.302	44.729	43.535	43.544	43.492	42.230	42.446	42.849	41.712	
Outros	2.589	2.938	3.577	3.038	2.871	2.840	2.480	2.389	2.469	
Brasil	34.891	47.667	47.112	46.582	46.363	45.070	44.926	45.238	44.181	

Fonte: FIBGE.

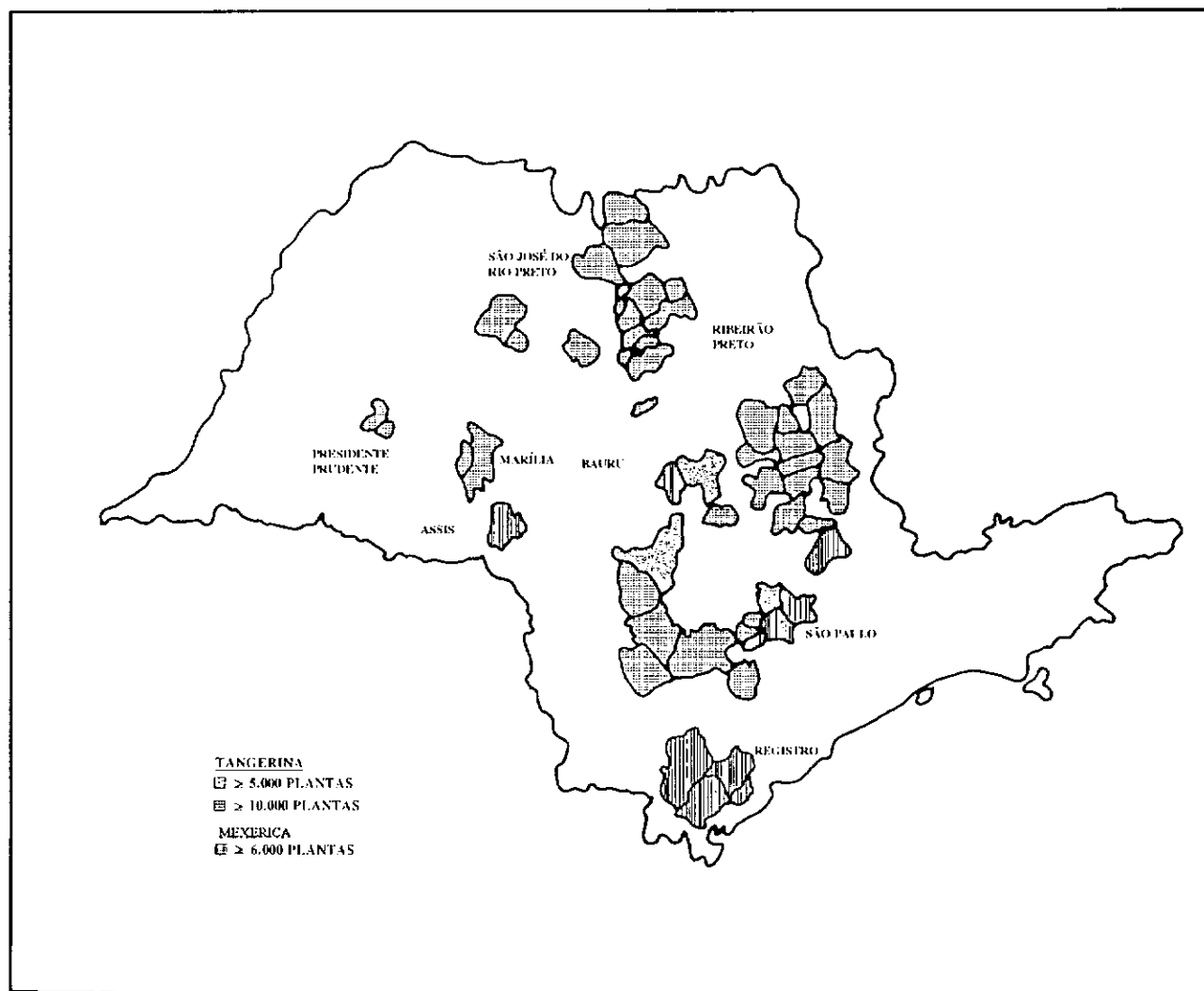


FIGURA 4 - Tangerina e Mexericá, Produção por Município no Estado de São Paulo.

Fonte: IEA.

TABELA 32 - Produção de Laranja¹ por Estado, Brasil, 1975, 1980 e 1985-94

(em t)						
Estado	1975	1980	1985	1986	1987	1988
Sergipe	91.718	391.027	477.115	508.531	513.835	549.454
Bahia	96.451	138.149	203.674	210.528	188.945	203.143
Minas Gerais	246.595	296.126	317.791	318.036	344.434	410.448
Rio de Janeiro	439.498	378.950	359.734	404.614	331.908	346.474
São Paulo	3.455.760	6.397.032	8.894.400 ²	7.754.856 ²	9.561.480 ²	9.016.800
Rio Grande do Sul	260.630	297.514	289.068	283.397	312.977	267.322
Goiás	-	-	30.763	33.170	33.701	37.169
Paraná	-	-	59.976	59.201	56.222	54.427
Subtotal	4.590.653	7.898.798	10.632.521	9.572.333	11.343.502	10.885.236
Outros	581.482	970.591	273.564	292.046	280.051	310.978
Brasil	5.172.134	8.869.390	10.906.085	9.864.379	11.623.553	11.196.214
Estado	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Sergipe	576.055	599.719	542.640	618.773	641.866	629.870
Bahia	335.866	345.331	363.120	462.182	459.082	502.125
Minas Gerais	341.455	329.664	310.080	298.982	408.449	397.065
Rio de Janeiro	409.632	399.799	371.280	238.027	231.989	205.265
São Paulo	12.099.648	10.718.568 ³	11.648.400	12.240.000 ⁴	12.525.600 ⁵	11.208.984 ⁶
Rio Grande do Sul	336.478	335.580	285.600	335.294	372.626	350.268
Goiás	35.006	42.106	44.880	64.750	87.067	84.048
Paraná	60.466	66.912	67.810	79.234	94.003	106.989
Subtotal	14.194.606	12.837.679	13.633.810	14.337.242	14.820.682	13.484.614
Outros	371.362	113.710	389.150	406.286	440.558	475.514
Brasil	14.565.967	12.951.389	14.022.960	14.743.529	15.261.240	13.960.128

¹Caixas com 250 frutos (40,8kg).

²Segundo a indústria seriam 239.210 e 225.000 respectivamente.

³Segundo a indústria seriam 250.000.

⁴Segundo a indústria seriam 290.000.

⁵Pelo IBGE seriam 280.600 mil caixas e o total nacional 347.650 mil caixas. O dado de S. Paulo é de 307.000 mil caixas levantado pelo IEA (setembro/93). Segundo as indústrias a produção de S. Paulo foi de 285.000 mil caixas.

⁶Pelo IBGE seriam 255.648 mil caixas e o total nacional 323.078 mil caixas.

Fontes: IEA, FIBGE.

TABELA 33 - Produção de Tangerina por Estado, Brasil, 1980 e 1985-92

		(em t)								
Estado	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	
Minas Gerais	25.575	35.828	36.370	38.390	37.910	36.183	30.921	27.244	29.636	
Rio de Janeiro	27.610	30.796	23.138	20.693	24.062	28.705	34.107	34.108	26.840	
São Paulo	272.153	363.602	365.897	370.806	332.805	309.811	326.565	330.272	339.173	
Bahia	13.216	15.041	14.846	14.314	22.412	21.948	25.398	25.167	25.338	
Sergipe	1.647	1.796	1.875	1.875	1.903	1.964	1.964	1.964	1.964	
Paraná	24.662	56.006	55.448	55.364	59.374	58.774	70.318	72.064	68.995	
Rio Grande do Sul	91.386	124.829	120.447	124.427	115.904	120.551	127.826	127.143	130.466	
Subtotal	456.249	627.897	618.021	625.867	594.370	577.935	617.099	617.963	622.410	
Outros	33.794	49.784	45.061	46.309	45.238	47.517	44.032	42.694	45.462	
Brasil	490.043	677.681	663.082	672.176	639.608	625.452	661.131	660.657	667.872	

Fonte: FIBGE.

TABELA 34 - Produção de Limão por Estado, Brasil, 1980 e 1985-92

		(em t)								
Estado	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	
Minas Gerais	8.615	12.838	13.358	16.869	16.915	14.769	14.549	12.006	11.888	
Rio de Janeiro	26.525	65.585	65.319	71.502	68.218	69.366	70.403	53.214	73.820	
São Paulo	208.697	309.350	335.494	411.056	487.804	488.367	495.599	518.283	594.500	
Rio Grande do Sul	14.621	18.146	17.929	18.578	19.988	22.223	25.395	25.591	25.630	
Goiás	590	2.383	6.650	10.805	10.857	10.386	10.971	10.164	9.497	
Bahia	13.394	13.368	14.019	13.830	13.285	12.510	11.125	11.459	14.411	
Sergipe	5.923	3.575	4.395	4.673	5.887	6.307	6.865	8.059	9.192	
Paraná	4.876	3.909	3.746	3.751	3.754	3.819	5.215	4.348	3.565	
Subtotal	283.240	429.155	460.911	551.063	626.708	627.747	640.123	643.123	742.503	
Outros	24.965	41.020	65.135	68.398	68.278	44.572	45.336	42.110	37.453	
Brasil	308.204	470.174	526.045	619.461	694.986	672.319	685.459	685.233	779.956	

Fonte: FIBGE.

A fim de visualizar-se a situação do setor, são analisados a seguir alguns aspectos da citricultura nos principais estados produtores e de maior potencialidade.

- Sergipe

Atualmente, estima-se em 650 mil toneladas a produção citrícola sergipana, obtida por cerca de 13 a 15 milhões de plantas, concentradas em quatorze

municípios numa longa faixa de terra que vai do centro até o sul do Estado, na fronteira com a Bahia. A região citrícola de Sergipe foi dividida em quatro zonas, em função de aspectos ecológicos, tradição e etapas de expansão da cultura.

A zona I é constituída pelos municípios de Boquim, Pedrinhas e Riachão do Dantas e está localizada na zona fisiográfica Litoral Sul, com altitude média de 180 a 200 metros. Esta é a região de citricultura mais antiga do Estado.

A zona II abrange os municípios de Arauá e

Itabaianinha, com altitude entre 80 e 250 metros e pluviosidade média de 1.200mm anuais.

A zona III compreende Lagarto, Salgado e Itaporanga D'Ajuda, com altitudes de 38 a 160 metros acima do nível do mar.

A zona IV é composta pelos municípios de Umbauba, Cristinápolis, Estância e Santa Luzia do Itanhy.

Quanto aos espaçamentos, existe uma tendência para o uso dos mais densos, sendo os de 7m x 4m e de 6m x 4m os preferidos. Estima-se que atualmente a densidade esteja ao redor de 350 plantas/ha.

O maior problema fitopatológico é, sem dúvida, o "declínio dos citros", seguido da gomose de *Phytophthora*. Quanto às pragas, as cochonilhas escama-farinha e a *Orthezia praelonga* destacam-se das demais. O ácaro da ferrugem é, certamente, a praga que causa maiores danos aos laranjais.

- Bahia

A produção citrícola neste Estado está ao redor de 500 mil toneladas, com cerca de 15 a 17 milhões de plantas (em grande parte com menos de 5 anos).

A citricultura baiana está localizada em municípios das microrregiões homogêneas Agreste de Alagoinhas, Litoral Norte e Recôncavo, estendendo-se desde o município de Rio Real, na fronteira com Sergipe, até Amargosa, a sudoeste do Recôncavo. Abrange cerca de 30 municípios, que perfazem uma área de mais de 15.000km².

Nas zonas semi-áridas com possibilidades de irrigação, como no Vale do Rio São Francisco, as condições são consideradas propícias ao cultivo do pomelo e de limões, pouco atacados pela verrugose devido à baixa umidade do ar. Os frutos obtidos são de boa qualidade, baixa acidez, elevada porcentagem de suco e com casca fina.

Convém salientar que o Litoral Norte é a zona de maior possibilidade de ampliação da cultura, pela disponibilidade de extensas áreas, dotadas de condições propícias à fruticultura. Nesta região vem ocorrendo a implantação de alguns pomares de 50 a 100 mil plantas.

O espaçamento predominante é o de 6 x 4, havendo certa tendência para o maior adensamento, com a utilização de 6 x 3 e de 5 x 3. Estima-se um

plantio de cerca de 400 plantas/ha. O combate às pragas e doenças somente é feito quando o problema atinge caráter grave. Dentre as pragas, as que têm merecido maior atenção são o ácaro da ferrugem, a cochonilha escama-farinha, a ortézia dos citros e a colebroca *Cratosomus flavofasciatus*.

Das doenças causadas por fungos, a gomose de *Phytophthora* é responsável pelos maiores danos econômicos. Tem sido observado o "declínio" em plantas com mais de três anos de idade. Sintomas semelhantes e escamações da casca, causados pela sorose A, têm sido constatados nos principais cultivares, tanto em clones velhos quanto nos de origem nuclear, afetados pela sorose tipo Bahia. Pressupõe-se a existência de vetor e não se descarta a possibilidade de transmissão pela semente.

- Goiás

Apesar de o Estado possuir condições ecológicas para o cultivo dos citros, sua exploração é ainda de caráter pouco empresarial, com produção de apenas 96 mil toneladas. Os principais municípios produtores localizam-se no sul do Estado.

Controles fitossanitários periódicos são realizados nas áreas com citricultura comercial. As principais pragas e doenças são ácaros, cochonilhas, mosca-das-frutas, gomose, rubelose e declínio.

- Minas Gerais

A produção de citros em Minas Gerais está ao redor de 450 mil toneladas, originárias de cerca de 10 a 12 milhões de plantas. Os espaçamentos mais usados são os de 7 x 5 e 6 x 6 com um adensamento de 280 plantas/ha.

A região de grande potencial para a citricultura é a do triângulo mineiro, com excelentes condições edáficas e climáticas. A menor valorização das terras em relação às das zonas citrícolas de São Paulo e a proximidade das fábricas paulistas de suco têm contribuído para a expansão mais acentuada ao redor dos municípios de Frutal e a Uberaba.

No sul de Minas Gerais, devem ser consideradas apenas as áreas com altitude média de 900m e de fácil mecanização, visto que na região montanhosa as

fruteiras de clima temperado (pêssego, figo, ameixa e marmelo) se adaptam melhor que as cítricas. É uma zona que permite a produção de tangerinas e de laranjas com ótimas características para o consumo *in natura*. Nessa região, o nível tecnológico dos pomares reflete-se em maior produtividade.

No Estado, ocorrem grandes variações de clima, solo, topografia, características fundiárias e de condições sócio-econômicas e culturais, podendo afirmar-se que determinadas regiões estão praticamente impossibilitadas de desenvolver uma citricultura competitiva, como por exemplo a zona da mata, onde predominam minifúndios e a declividade dos terrenos é acentuada.

As pragas mais importantes são o ácaro da leprose, as moscas-das-frutas (principalmente em áreas próximas a cafezais) e as cochonilhas. As principais doenças são a verrugose, a gomose e o declínio dos citros.

- Rio de Janeiro

A produção de citros no Estado do Rio de Janeiro está por volta de 350 mil toneladas com 11 a 14 milhões de plantas. Os espaçamentos utilizados são de 5 x 5 e 6 x 5 com um adensamento de 400 plantas/ha. As regiões das baixadas litorâneas e norte constituem a frente de expansão da citricultura, com destaque para os municípios de Araruama, Itaboraí, Silva Jardim, Cabo Frio, Rio Bonito, Casemiro de Abreu, São Pedro D'Aldeia e Saquarema. Essa expansão, provocada pela urbanização das áreas próximas à cidade do Rio de Janeiro, o grande mercado consumidor, vem atingindo também a região norte do Estado, nos municípios de Campos, Miracema, São Fidélis e São João da Barra.

No que concerne aos aspectos tecnológicos, podem-se evidenciar dois estágios distintos: um, dos pomares implantados sem maiores cuidados técnicos, em glebas com topografia inadequada, sem práticas culturais mais modernas, com mudas de má qualidade e sem aplicação anual de recursos financeiros de custeio agrícola. O segundo estágio corresponde aos plantios novos com mais técnica e tratos culturais, diretamente dependentes dos conhecimentos dos citricultores e influenciados pelos preços pagos pela fruta, o que deverá favorecer a produtividade média. Existe uma clara tendência para a adoção de espaçamentos de

plantio mais reduzidos.

Constituem problemas fitossanitários a ocorrência do ácaro da leprose, as moscas-das-frutas, a *Orthezia*, a gomose e o declínio.

- Rio Grande do Sul

A produção de citros no Rio Grande do Sul é de aproximadamente 550 mil toneladas, com 10 a 12 milhões de plantas. Os espaçamentos mais utilizados no Estado são os de 5 x 5 e de 4 x 4, com um adensamento de 400 plantas/ha. A citricultura com características comerciais está concentrada em uma área próxima à capital, abrangendo os vales dos rios Cai e Taquari, numa topografia levemente ondulada, a 30 graus de latitude sul e a uma altitude de menos de 100 metros acima do nível do mar.

Na região do Cai (municípios de Montenegro e São Sebastião do Cai), a citricultura colonial, baseada em pequenos pomares e no trabalho familiar, com pouca adubação química e sem tratamentos fitossanitários, tem poucas condições de desenvolver-se como atividade econômica importante, mesmo porque não constitui a maior fonte de renda das propriedades.

Na região do Taquari (municípios de General Câmara, Triunfo e Taquari), já se evidencia uma citricultura mais tecnificada, pouco mecanizada, com pomares de mil a dez mil plantas, que utilizam adubação química e tratamentos fitossanitários, e com parte dos serviços efetuada por mão-de-obra assalariada, resultando em maior produtividade.

Poucas são as pragas que requerem um controle químico nas condições do Rio Grande do Sul, sendo o ácaro da ferrugem a principal. Sua ocorrência é predominante durante os meses em que a temperatura é mais elevada (novembro a maio). Outra praga que assume importância é a cochonilha escama-farinha, pois sua incidência, principalmente em limoeiros, reduz a longevidade das plantas, ao permitir o desenvolvimento da gomose. Não tem sido constatada a presença da *Orthezia*. A mosca-das-frutas merece controle sistemático, sendo sua incidência mais acentuada nas variedades de maturação tardia quando a temperatura se mostra mais elevada.

A gomose, face ao clima chuvoso e ao uso do porta-enxerto de laranja caipira, é um problema grave, principalmente quando são usadas práticas culturais que

causam ferimentos nos troncos. Uma doença fúngica que vem ocasionando graves prejuízos é a queda dos frutos jovens provocada por *Colletotrichum*. O declínio ainda não foi constatado, porém, em fins de 1986, verificou-se a ocorrência da doença fúngica mancha preta dos citros (agente causal *Phyllostictina citricarpa*) que, após atingir o estágio de epidemia, dificilmente poderá ser eliminada.

No Rio Grande do Sul, em 1980, foram constatados os primeiros focos de cancro cítrico, na fronteira com a Argentina (município de Santiago). Em 1982, havia 19 municípios contaminados, todos localizados nas regiões das Missões (Uruguaiana) e de Campanha, a cerca de 300Km em linha reta da zona produtora de citros. O combate à doença ficou sob a coordenação da Campanha Nacional para Erradicação do Cancro Cítrico (CANECC). Em 1984, surgiram focos na principal região produtora.

- Paraná

A produção de citros no Paraná é ainda pequena em relação à de outros estados, estando ao redor de 170 mil toneladas. Neste Estado, construiu-se em 1994 uma fábrica de suco concentrado, o que vem estimulando novos plantios de laranja, a fim de fornecer matéria-prima para a indústria. Essa empresa foi constituída a partir da associação da Cooperativa dos Cafeicultores de Maringá (COCAMAR), da Cooperativa Agrária de Londrina (COPAGRA) e da Empresa Americana Albertson.

- São Paulo

A produção de citros em São Paulo está por volta de 13,5 milhões de toneladas, com cerca de 221,0 milhões de plantas, e conta com aproximadamente 20 mil produtores. Dentro do Estado, destacam-se como maiores produtores os municípios de Bebedouro, Itápolis, Limeira, Taquaritinga, Monte Azul Paulista, Olímpia, Colina, Matão e Araraquara. Nos últimos anos, os maiores plantios ocorreram nos municípios ao redor de São José do Rio Preto (raio de 50Km) e de Aguai (Vale do Rio Mogi-Guaçu). Além dessas, merece ser citada a região de Barretos, onde a citricultura deslocou as pastagens.

O número de plantas cítricas por hectare, comumente utilizado, é em média de 260 e o sistema de plantio mais usado é o em nível, sendo preferidos os espaçamentos de 6 x 4; 7 x 5 e 6 x 5 metros. Nas plantações mais recentes, há uma tendência para a redução dos espaçamentos para a laranja pêra (280 a 320 pés/ha) e para as tangerinas (400 pés/ha).

Atualmente, a mais séria ameaça é a clorose variegada dos citros (CVC), que causa o definhamento e a morte das plantas, enquanto focos de cancro cítrico, que ocorrem em regiões limítrofes aos estados do Paraná e de Mato Grosso do Sul, são praticamente controlados na zona citrícola tradicional em São Paulo.

Os ácaros da ferrugem e da leprose são as pragas mais importantes e com as quais se gastam defensivos. Outras pragas poderão causar grandes prejuízos se não forem controladas em tempo, como a mosca-das-frutas e as cochonilhas. Com referência aos nematóides, ainda não foram constatados experimentalmente prejuízos em plantas cítricas em São Paulo.

4.4 - Espécies e Variedades Citrícolas Produzidas no Brasil

A laranja representa a espécie dominante, destacando-se entre as variedades comerciais mais cultivadas pêra, natal, valência, hamlin, baía e lima. As tangerinas (ou mandarinas) constituem a segunda espécie em ordem de importância. Entre as principais variedades cultivadas comercialmente estão ponkan, cravo e mexerica. Entre os híbridos de tangerina de maior interesse destaca-se a murcote.

No Brasil, as limas ácidas são vulgarmente chamadas de limão e utilizadas da mesma forma. Entre elas destacam-se o galego e o tahiti. Entre os limões verdadeiros destacam-se o siciliano e o eureka.

A cultura de pomelos (ou grapefruit) está restrita a alguns pomares, todos da variedade "marsh seedless". Os frutos destinam-se à exportação, sendo pouco apreciados pela população brasileira.

4.5 - Área Segundo as Variedades

Nenhum dos órgãos oficiais de estatísticas da produção no Brasil e nos principais estados produtores de citros divulga levantamentos anuais levando em con-

sideração as variedades plantadas. Dessa forma, para se ter uma apreciação sobre as principais variedades plantadas nas últimas duas décadas é necessário adotar-se resultados de pesquisas ou estudos, conduzidos com diferentes metodologias e em regiões ou universos específicos de produtores, feitos em anos determinados (cortes).

Em Sergipe, destaca-se a laranja pêra que constitui de 85 a 90% do número total de árvores, havendo também plantios de laranja baianinha e das limas ácidas galego e tahiti. Os principais porta-enxertos são o limão cravo, com 60% das plantas enxertadas sobre ele, e o limão rugoso da Flórida com 35%, sendo usados em pequena escala o limão volkameriano e a tangerina cleópatra.

Na Bahia, atualmente, a laranja pêra atinge a 90% da população citrícola do Estado e em algumas das suas regiões até 100%, revelando falta de preocupação do citricultor com a diversificação de variedades. Os 10% restantes estão divididos entre os cultivares de laranja baia e baianinha, tangerinas ponkan, murcote e mexerica e limão tahiti. Observe-se que em 1970 a laranja bahia ocupava 62% dos plantios e a pêra somente 15%.

Em Goiás, com uma citricultura nova, as variedades mais cultivadas são as laranjas pêra, natal, hamlin, baianinha, joão nunes e seleta, além de tangerina ponkan e lima ácida tahiti. Quanto ao porta-enxerto, predomina o limão cravo. Não se dispõe de levantamentos quantitativos a respeito da participação de cada variedade.

No Estado de Minas Gerais, encontra-se a maior diversificação de variedades plantadas de citros. Sabe-se, contudo, que está havendo expansão do plantio de laranja pêra, que deve representar quase 75% dos pés. Ainda têm representação estadual as variedades de laranja lima e campista, além da tangerina ponkan na região sul de Minas.

Segundo dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do Rio de Janeiro, a participação de cada variedade no Estado, em 1989, evidenciava a importância da laranja pêra folha murcha com 45% do total, seguida das laranjas seleta (18%), natal (11%) e lima (11%).

A folha murcha é uma seleção local, com maturação bastante tardia (agosto a fevereiro) e adequada também ao processamento industrial.

A lima ácida tahiti, com 72% dos plantios,

substituiu quase integralmente o limão galego (8%), também este uma lima ácida.

Entre as tangerinas, cujo plantio vem decaindo, a preferência ainda é pela mexerica do rio com 65%, seguida da dancy (30%). No caso da mexerica, o desbaste nas plantas é indispensável para que sejam obtidos frutos de bom tamanho comercial.

O limão cravo é praticamente o único porta-enxerto utilizado no Rio de Janeiro, sendo esporádico o uso do *Poncirus trifoliata*.

No Estado do Rio Grande do Sul, as variedades mais plantadas são valência, baia e laranja do céu (sem acidez). As variedades franek e tobias, ambas de meia-estação, têm despertado interesse no plantio. Dentre as tangerinas, a mais cultivada é a mexerica comum (chamada de bergamota), seguida da montenegrina. A tendência é de aumento no cultivo de variedades de tangerinas mais tardias, como a montenegrina e a murcote, que encontram mercado industrial quando ainda verdes para o aproveitamento de óleo essencial da casca. O porta-enxerto mais utilizado, em 1989, era o *Poncirus trifoliata* (90%), seguido da laranja caipira.

Para atendimento industrial, também vem sendo aumentado o plantio de limão siciliano, pois o tahiti não se adapta bem no Estado do Rio Grande do Sul e há menor interesse das fábricas locais, cujo objetivo principal é a produção de óleo essencial.

No Estado do Paraná, as variedades de laranja mais plantadas são pêra, valência e folha murcha, sendo que a pêra representa 80% do total. No caso das limas ácidas, a predominância é do tahiti e dentre as tangerinas destacam-se a ponkan e a mexerica, sendo proibido o plantio de murcote devido ao cancro cítrico.

Em São Paulo, estima-se que atualmente as variedades mais plantadas são a pêra (53%) e a natal (26%), enquanto a ponkan com 51% lidera a produção de tangerinas e o tahiti (85%) é a principal variedade entre as limas ácidas e o limão. Levantamento recente (1994), ainda em fase de cálculos finais, indica aumento relativo do plantio da variedade valência e diminuição da variedade pêra.

Calcula-se que o porta-enxerto de limão cravo represente cerca de 90% do total de pés plantados, seguido da tangerina cleópatra e da *Poncirus trifoliata*, a despeito das recomendações dos técnicos para maior diversificação.

A fim de permitir uma visão mais clara da participação das principais variedades plantadas em São

Paulo, fez-se uma revisão dos estudos elaborados nos últimos anos. Evidenciam-se então a preferência dos citricultores pelas laranjas pêra, natal e valência e o relativo decréscimo das variedades de frutas destinadas mais ao consumo *in natura*. No caso das tangerinas, além da ponkan que detém a primeira posição, é notória atualmente a redução da cravo e da murcote. Para os limões e limas ácidas, com o quase completo desaparecimento do galego (extremamente suscetível ao cancro cítrico), o tahiti passou a preponderar com uma parcela entre 85 e 90%.

Observe-se que os percentuais apresentados devem servir de indicadores de tendências, pois os referidos estudos não foram feitos com a mesma metodologia nos estados.

4.6 - Épocas da Colheita

Dada a multiplicidade de fatores envolvidos, as épocas de colheita descritas a seguir baseiam-se em condições normais (sem irrigação) em São Paulo, principal Estado produtor de citros, e com algumas variações em outros estados (Tabela 35).

Cabe assinalar que as condições climáticas, como disponibilidade de água, florescimento e temperatura, influenciam na intensidade, pegamento dos frutos e emissão de mais de uma florada.

5 - FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS CÍTRICAS

O fluxo de comercialização das frutas cítricas segue os procedimentos adotados para as demais frutas de mesa. A maioria da laranja é selecionada nos *packing-houses* das próprias indústrias de sucos cítricos, donde segue para os demais canais de comercialização até o consumidor.

5.1 - Classificação, Padronização e Embalagens para os Mercados Interno e Externo

Em princípio, pode-se dizer que a classificação de frutas cítricas no Brasil, destinadas aos mercados interno e externo, se inicia mesmo antes da colheita da fruta nas árvores, pois tanto as empresas comerciais

quanto as indústrias se baseiam na coloração externa da casca e na relação acidez/sólidos solúveis (*ratio*), que são avaliadas no momento em que é estabelecida a ordem para colher em determinado pomar.

No caso da laranja para consumo *in natura*, a relação mínima permitida é de 1:6,5. As frutas destinadas à industrialização devem ter uma relação *ratio* entre 1:9 e 1:20, sendo ideal a faixa situada entre 1:11 e 1:14.

Deve-se salientar que durante a safra as grandes empresas exportadoras fazem um acompanhamento da evolução da *ratio* da fruta até o momento da colheita, utilizando-se de um esquema amostral por pomar, tecnicamente estabelecido pelo departamento responsável pelo suprimento de matéria-prima.

Quando a laranja se destina ao processamento industrial para a produção de suco, os critérios de seleção baseiam-se, além da *ratio*, na presença de frutas atacadas por mósca-da-fruta ou ácaros, ou na incidência de leprose (formando placas), que torna a matéria-prima inapta para a extração de suco. Neste caso, as frutas defeituosas são refugadas e descartadas na fábrica, sem qualquer indenização aos produtores.

De outra parte, os comerciantes de frutas frescas para o mercado interno fazem um número menor de avaliações (em geral 2 ou 3) e as pequenas empresas exportadoras baseiam-se apenas em exames visuais, sem uso de aparelhos refratômetros (medição de brix). A Portaria nº 125, de 15 de maio de 1981, do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Reforma Agrária (MAARA), regulamenta as normas de identidade, qualidade e apresentação das frutas cítricas para consumo *in natura*.

A classificação por tamanho é feita em máquinas, onde a fruta passa entre duas fileiras de rolos ou entre uma correia e rolos cujos espaços vão aumentando gradativamente, de modo que as frutas miúdas são separadas no princípio e as maiores no final da esteira transportadora, sendo então embaladas manualmente.

A escolha em função dos defeitos (podridões, lesões, picadas de mosca, manchas na casca, etc.) é feita também manualmente, através de exame visual das frutas que são movimentadas lentamente em correias transportadoras, ficando de cada lado uma equipe de escolhedores, em geral mulheres treinadas para essa função. As frutas com defeitos são retiradas da esteira e enviadas para o processamento ou inutilizadas.

TABELA 35 - Época de Colheita das Frutas Cítricas, Brasil

Variedade por fruta	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Laranja												
Pêra								
Natal											
Valência											
Baianinha											
Lima											
Lima Tardia											
Hamlin											
Folha Murcha (RJ)				
Tobias e Franck (RS)											
Céu (RS)											
Tangerina												
Mexericá											
Cravo											
Poncan											
Murcote											
Limão												
Galego											
Tahiti											
Siciliano											
Pomelo												
Marsh Seedless												

..... Safra
 ... Temporaria

Fonte: IEA.

Para o mercado interno, as frutas cítricas podem ser embaladas em caixas de madeira ou de papelão ou em saco de polietileno ou de polipropileno, conforme Portaria nº 129 de 04/10/1991 (Tabela 36). Até o momento, a laranja é comercializada no Entrepósito Terminal de São Paulo da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (ETSP/CEAGESP), com o uso de um único tipo de embalagem: a caixa "M" com 27kg a 30kg de fruta (ou cerca de 28kg de fruta em média).

Com o crescimento das vendas em supermercados, tem-se usado muito a embalagem em sacos de polietileno, contendo 2kg e 5kg de fruta em cada unidade. As tangerinas são comercializadas no atacado em um único tipo de embalagem: caixa "M" com 30kg

de murcote ou cravo e caixa "M" com 27kg de poncan. O limão é comercializado no atacado em caixa "M" de 27kg e no varejo em sacos de polietileno de 2kg.

Cabe ponderar, também, que o sucesso nas vendas depende do esmero e do capricho de cada empresa na embalagem e na apresentação da fruta, lembrando-se ainda que até agora a fiscalização por parte dos governos estadual e federal é praticamente nula no mercado interno e que os consumidores brasileiros, em geral, são pouco exigentes. Todavia, na exportação de fruta fresca pode-se dizer que o sistema de inspeção federal nos pontos de embarque tem sido eficiente e que as empresas cumprem os regulamentos e as exigências dos compradores.

Desde o início da década de setenta, com a

TABELA 36 - Dimensões Internas das Embalagens Padronizadas de Frutas Cítricas
(em mm)

Item	Caixa				Saco
	M - mercado Madeira	Meia - m Madeira I	Papelão Ondulado I	Papelão Ondulado II	Poliétileno ou Polipropileno IV
Comprimento	520	520	490	356	800
Largura	290	290	350	237	500
Altura	290	170	220	205	-

Fonte: BRASIL, Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, Portaria nº 127 de 04/out./1991.

Resolução nº 45 (22-01-1969) do Conselho Nacional do Comércio Exterior (CONCEX), os serviços de inspeção e fiscalização de embarque na exportação de fruta fresca para o mercado internacional passaram a ser exercidos pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil S/A (CACEX), contando com a colaboração de funcionários (classificadores) do Ministério da Agricultura. Com as reformas introduzidas a partir de 1990, a CACEX passou a ser uma Coordenadoria do Departamento de Comércio Exterior da Secretaria de Economia do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, sendo desvinculada do Banco do Brasil.

Atualmente, esses serviços, de acordo com a resolução nº 45, passaram a ser executados exclusivamente nos portos de embarque (marítimos, aéreos e terrestres), juntamente com os trâmites de caráter fiscal (guias de embarque) e aduaneiro.

Na execução dos serviços, os fiscais do MAARA incumbem-se mais especificamente dos aspectos de fitossanidade para a emissão dos Certificados de Trânsito, visto que o Brasil é signatário do Acordo de Roma que regula internacionalmente a matéria.

Quanto aos demais aspectos, as Normas de Classificação de Frutas Cítricas Exportáveis são bastante explícitas ao estabelecer as condições para a exportação. Cabe destacar que, quando os países importadores exigirem, o Departamento de Comércio Exterior (ex-CACEX) poderá regulamentar outros requisitos adicionais.

5.2 - Sistema de Vendas de Citros nos Mercados Interno e Externo

- Mercado Interno

No Rio Grande do Sul, o comércio de citros

é feito de forma preponderante por atacadistas que adquirem a fruta diretamente dos produtores para revender em Porto Alegre, após ligeiro beneficiamento em *packing-houses*. Durante certo período do ano, o mercado sulino é abastecido com fruta proveniente de São Paulo. Ao nível do atacado, a Central de Abastecimento S/A (CEASA-RS), em Porto Alegre, é o principal centro de concentração e de distribuição para a extensa rede varejista constituída por supermercados, feiras-livres, frutarias e ambulantes.

No Rio de Janeiro, a produção é quase totalmente destinada ao abastecimento da capital, considerada um dos maiores centros consumidores do País. Entre os diversos tipos de agentes comerciais, sobressaem-se os atacadistas, seguidos de feirantes e supermercados que procuram comprar a fruta diretamente dos produtores, particularmente nas cidades mais próximas do Rio de Janeiro, como Itaboraí e Casemiro de Abreu. As centrais de abastecimento da Companhia de Entrepósitos de Abastecimento S.A do Grande Rio (CEASA Grande Rio) e da de São Gonçalo (CEASA São Gonçalo) representam importante papel (85%) no escoamento da produção.

A produção mineira é destinada quase totalmente ao consumo no próprio Estado, principalmente em Belo Horizonte. Parte da produção da região do triângulo mineiro é enviada para o processamento em fábricas ao norte de São Paulo.

Na Bahia e em Sergipe, vem-se registrando sensível melhoria no sistema de comercialização da fruta fresca, o que permite um impulso nas vendas para os demais estados do nordeste com menores perdas durante o transporte.

No Estado de São Paulo, as indústrias que se utilizam de contratos de compra e venda quase sempre adquirem quantidades superiores às suas necessidades operacionais, para posteriormente revender a fruta a

atacadistas, os quais também a adquirem diretamente de produtores.

Dos pomares, as frutas vão para os *packing-houses* onde são beneficiadas e embaladas. Daí seguem diretamente para os centros de consumo onde são vendidas aos varejistas. Os *refugos* do beneficiamento (entre 15% e 25%) são enviados para as fábricas de suco, evidenciando-se um sistema de vasos comunicantes entre as fábricas e os comerciantes atacadistas. A atuação das cooperativas na comercialização atacadista de citros *in natura*, no Brasil, é de pequena expressão quantitativa.

Ao nível do varejo, os consumidores, de acordo com as suas rendas, determinam todo um conjunto de serviços dos comerciantes. Assim, os consumidores de menor renda obrigam-se a adquirir pequenas quantidades, a crédito ou com outras facilidades, condicionando a presença de feira-livres ou de pequenas lojas, onde os serviços de ordem pessoal superam a vantagem de redução de preços.

Em diversos estudos realizados nos últimos anos, foi destacado o papel que as feiras-livres representam na distribuição de citros aos consumidores. Seguem-se os supermercados, os ambulantes, as quitandas e as frutarias.

Embora não estejam disponíveis resultados de pesquisas mais recentes a respeito da distribuição varejista de citros nas maiores cidades e capitais da região centro-sul do Brasil, é possível admitir-se que as feiras-livres ainda continuam liderando a preferência dos consumidores, embora tenha aumentado a participação relativa dos supermercados, enquanto a tendência é de redução da presença de quitandas e de ambulantes, particularmente nos centros mais populosos.

- Mercado Externo

Os produtores/exportadores têm diferentes opções para vender as suas frutas, com distintos graus de participação e risco ao longo do processo de comercialização, destacando-se quatro tipos de modalidades de vendas (CARRARO & CUNHA, 1994).

- Venda Direta

Nessa situação, o importador adquire a fruta

diretamente do produtor brasileiro e se encarrega de enviá-la ao país de destino. Nesse caso, o produtor receberá um preço menor por seu produto mas pode dedicar-se melhor às etapas de produção e de embalagem, correndo menores riscos nas etapas posteriores. Os preços pagos aos fruticultores podem ser fixados com base no Valor FOB (Free on Board), quando correspondem apenas ao produto embalado e embarcado no país de origem (descontados os custos operacionais de exportação), ou com base no valor CIF (Cost, Insurance and Freight), quando o custo de exportação inclui também o transporte e o seguro em trânsito da mercadoria. Comumente, esse valor CIF é de conhecimento dos produtores por meio de boletins de preços nos mercados europeus e em especial do leilão de frutas em Roterdã.

- Venda por Contrato

A venda é realizada a um importador através de contrato, cujo preço é, de antemão, estipulado com base na qualidade, quantidade, custos, datas de entrega, etc. O produtor/exportador assume os gastos decorrentes da entrada do produto no país de destino. Ainda que esta opção represente maior segurança comercial, os preços que se obtêm são ligeiramente menores. O produtor/exportador é mantido fora do esquema de preços do mercado, de tal forma que, se o preço final for submetido a variações importantes, quem se beneficia ou se prejudica é o importador, já que o preço é fixado com antecedência de dias ou semanas, antes da chegada do produto ao varejista.

- Venda em Consignação

No sistema de consignação, o produtor/exportador envia a mercadoria a um importador, o qual tentará vendê-la o mais rápido possível e pelo melhor preço, assim como se encarregará de contratar um corretor de alfândega para cuidar dos trâmites de entrada do produto no país, ressarcindo-o de todas as despesas ocorridas durante este processo. Uma vez vendido o produto, será descontada a comissão (8 a 12% do preço final de venda), os gastos serão realizados e o saldo final será remetido ao produtor/exportador, que o receberá provavelmente dois ou três meses depois de haver enviado o produto.

- Envio da Mercadoria pelo Produtor/Exportador

Esta é uma opção para produtores ou cooperativas de produtores que administram grandes volumes, a fim de compensar o custo com um escritório permanente no País de destino da exportação. O produtor/exportador assume os gastos até o local de entrega ao importador. Vários trâmites administrativos são realizados pelo importador e posteriormente pelo revendedor no país de destino.

No caso das frutas cítricas, o sistema que predomina em termos de número de exportadores para o mercado externo é o de vendas por contrato. Entretanto, os três maiores exportadores (Cutrale, Fischer e Fazenda Sete Lagoas) mantêm na Europa empresas próprias para comercializar seus embarques, vendendo diretamente a distribuidores atacadistas nos países de destino.

5.3 - Custos de Produção e de Exportação

O modelo de estimativa de custo de produção de laranja para o Estado de São Paulo aqui apresentado utiliza dados básicos de estudos realizados pelo IEA. Os dispêndios efetivamente realizados pelo citricultor, representados pela mão-de-obra, fertilizantes, defensivos e serviços de máquinas, são chamados de custo operacional efetivo (COE). Adicionando a esse custo as depreciações de máquinas e do pomar, encargos sociais e financeiros e a contribuição à seguridade social, obtém-se o custo operacional total (COT).

A análise dos custos fez-se através das médias de três regiões produtoras (Campinas, São José do Rio Preto e Barretos), considerando-se um stand de 260 pés por hectare e utilizando a taxa cambial oficial (dólar comercial) para se estimar os custos. O custo estimado para a safra 1994/95 é de US\$840,63 por hectare, correspondendo a US\$1,25 por caixa de 40,8kg (Tabela 37). A participação do custo operacional efetivo no custo operacional total é de cerca de 77%. O item defensivos é o mais importante no custo de produção, em boa parte explicado pelo comportamento dos preços desses insumos ao longo dos últimos anos, vindo a seguir o item adubos e corretivos.

A racionalidade dos citricultores mais avançados, ao adotar rapidamente o manejo integrado de pragas (MIP), é uma resposta à importância que o item

defensivos passou a representar nos custos de produção, ainda mais se se considerar a maior utilização de máquinas em várias aplicações durante o ano agrícola.

Sob o ponto de vista da administração rural, a minimização do custo de produção passou a ser um ponto muito importante diante dos preços da laranja na década de 90. Ao contrário da década anterior, quando se registraram preços altamente remuneradores aos citricultores, nos anos 90 os preços praticados em São Paulo, em termos médios, foram de US\$1,11 por caixa (40,8kg) em 1989/90, US\$2,25 em 1990/91, US\$1,10 em 1991/92 e finalmente US\$1,30 em 1992/93.

Diante da redução das receitas, existe uma consciência de que para se manter na atividade citrícola é necessário que o agricultor minimize os custos unitários, através da redução dos gastos por hectare, e paralelamente obtenha ganhos de produtividade. As técnicas de adensamento e de manejo global perseguem as metas acima apontadas. Os custos de exportação, aplicados a caixas de laranja com destino a Rotterdã, estão apresentados na Tabela 38.

5.4 - Preços Recebidos pelos Produtores

Em quase todos os estados brasileiros, a produção cítrica destina-se exclusivamente ao suprimento de fruta fresca à população. Constituem exceções os estados de São Paulo, Sergipe, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde a existência de fábricas processadoras de suco tem significativa influência na formação dos preços recebidos pelos citricultores.

Em decorrência do sistema de compra e venda prevalecente nas principais regiões produtoras, o citricultor geralmente vende a sua fruta sem qualquer classificação ou beneficiamento, os quais serão feitos nas casas de embalagem *packing-houses* pertencentes aos comerciantes atacadistas e às indústrias.

As frutas descartadas no processo de beneficiamento (tipos de fruta), estimadas ao redor de 25%, são freqüentemente enviadas às fábricas para serem processadas. De outra parte, as indústrias revendem para os atacadistas parcelas de frutas mais valorizadas, que não serão processadas, obtidas a partir de uma primeira seleção ou mesmo diretamente de pomares (ou talhões) selecionados.

Evidencia-se, portanto, um verdadeiro sistema de vasos comunicantes entre as fábricas e os

TABELA 37 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Citros, Estado de São Paulo, Brasil, Safra 1994/95
(1ha, 260 pés, 673cx./ha)

Item	US\$ ¹		Participação percentual %
	por hectare	por caixa	
Mão-de-obra	37,62	0,06	4,80
Adubos e corretivo	203,59	0,30	24,00
Defensivos	292,40	0,44	35,20
Operação de máquinas	115,30	0,17	13,60
Custo operacional efetivo	648,91	0,97	77,60
Depreciação de máquinas	50,69	0,07	5,60
Depreciação do pomar ^{2*}	66,23	0,10	8,00
Encargos sociais ³	12,41	0,02	1,60
Encargos financeiros ⁴	35,69	0,05	4,00
Contr. a seguridade social ⁵	26,70	0,04	3,20
Custo Operacional total	840,63	1,25	100,0

¹Valor do dólar de agosto de 1994 = R\$0,91

²Para a depreciação do pomar estimou-se um preço de US\$1,80/ex, como expectativa para a safra 1994/95.

³Refere-se a mão-de-obra comum e tratorista (33%).

⁴Taxa de juros de 11% a.a.

⁵Para efeito de cálculo considerou-se 2,2% como contribuição, para o valor de R\$1,64 por caixa.

*Para efeito de cálculo da depreciação do pomar, a vida útil é de 20 anos.

Fonte: IEA.

TABELA 38 - Composição do Custo de Exportação de Laranja, do Porto de Santos (SP), para o Porto de Rotherdã na Europa, 1994

Itens	US\$/cx.20kg
Valor Ex-Work	1,20
Embalagem ¹	1,40
Paletização	0,20
Armazen Frio	0,15
Fretes	0,45
Porto ²	0,40
Comissão Exportação	0,20
Valor FOB	4,00
Frete Marítimo	1,70
Valor CIF	5,70

¹Inclui mão-de-obra, caixa de papelão, papel, beneficiamento.

²Inclui inspeção, controle de qualidade e outros.

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas realizadas junto às empresas exportadoras.

comerciantes de fruta fresca, cujo sentido de direção está condicionado pelos preços praticados no mercado e nos programas de processamento industrial. Esse panorama leva a concluir que os preços recebidos pelos citricultores são reflexo das cotações que os compradores estão dispostos e em condições de pagar pela fruta ainda nos pomares.

Em São Paulo, a participação de cooperativas e de *pools* de produtores (grupos que se reúnem para vender suas produções em conjunto) propicia condições de redução de custos operacionais na venda dos pomares e, portanto, de obtenção de preços um pouco melhores que aqueles alcançados pelos produtores independentes que ainda constituem numericamente a maior parcela de citricultores.

Diante desse cenário, os preços recebidos pelos produtores representam médias anuais (safra) para toda a produção, ou seja, sem distinção de variedades, épocas de colheita e do destino a ser dado à fruta. Como os preços no Estado de São Paulo (cerca de 82% da produção nacional) têm também forte

influência nos preços observados nos demais estados, as análises a seguir reportam-se aos valores recebidos pelos citricultores paulistas.

No período de 1975 a 1994, o preço médio recebido pelos citricultores foi de US\$2,00 por caixa (40,8kg) de fruta na árvore, com um máximo de US\$3,74/caixa na colheita de 1988 e um mínimo de US\$1,00/caixa em 1975 (Tabela 39).

Ao se considerar apenas o período mais recente (1986 a 1994), após a introdução do "contrato de participação" entre indústria e produtor, cujo preço da laranja passou a ser calculado com base na cotação do suco na Bolsa de Nova Iorque, a média foi para US\$2,07/caixa. Na primeira metade da década de oitenta, o preço médio fora de US\$2,24/caixa, de modo que é possível estimar-se atualmente como representativo do valor da caixa de laranja um preço ao redor de US\$2,00/caixa ao nível do produtor.

TABELA 39 - Preços Recebidos pelos Produtores de Laranja, São Paulo, 1975 a 1994

Ano	US\$/cx.40,8kg
1975	1,00
1976	1,10
1977	2,20
1978	2,00
1979	2,00
1980	1,60
1981	2,20
1982	1,90
1983	1,48
1984	2,74
1985	3,50
1986	1,15
1987	2,41
1988	3,74
1989	3,53
1990	1,11
1991	2,25
1992	1,10
1993	1,30
1994	1,80

Fonte: IEA.

5.5 - Estacionalidade de Preços de Citros no Mercado Interno

As variações estacionais de preços referem-se aos valores praticados no mercado atacadista de São Paulo, onde se situa o principal entreposto terminal do País, o ETSP da CEAGESP. São evidentes as elevações de preços que ocorrem de dezembro a março, no caso da laranja; de setembro a dezembro, no caso do limão tahiti; e no segundo semestre do ano para as tangerinas, em particular a ponkan (Tabela 40 e Figuras 5, 6 e 7).

Embora as quantidades de laranja ofertadas no período do inverno (maio a agosto) sejam relativamente menores, os preços ao nível do atacado mostram-se deprimidos, revelando uma queda mais que proporcional na demanda. Cabe lembrar que nesse período são ofertadas as variedades precoces e de meia-estação que a indústria prefere não processar, mas sim enviar para o mercado de fruta fresca (exceto em anos de escassez de suco).

Como o Estado de São Paulo representa um ponto de origem de suprimento de citros para as principais capitais da região centro-sul do País, também nessas cidades se observam variações estacionais de preços semelhantes àquelas registradas no mercado atacadista da capital paulista. Assim, no Rio Grande do Sul os preços mais elevados ocorrem no período do verão, quando se colhe nesse Estado a variedade valência, propiciando a importação de São Paulo a fim de atender ao consumo local. Também no Rio de Janeiro, importante mercado consumidor, os preços são bem mais elevados de dezembro a fevereiro, ocorrendo uma queda das cotações de abril a agosto.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As frutas cítricas estão entre as mais importantes frutas no mercado mundial, tanto em função do consumo em todos os continentes quanto do montante de recursos aplicados nessa atividade.

Apesar de o Brasil ser o maior produtor mundial, sua participação no mercado internacional de frutas cítricas é bastante reduzida. A laranja destaca-se como a mais importante dentre as espécies cítricas. Entretanto, 70% da produção nacional destinam-se ao processamento de suco concentrado. A exportação da

TABELA 40 - Índices Estacionais de Preços de Frutas Cítricas, no Atacado da CEAGESP, São Paulo, 1980-88

Mês	Laranja	Limão	Tangerina Cravo	Tangerina Ponkan	Tangerina Murcote
Janeiro	133	75	-	-	-
Fevereiro	129	53	-	-	-
Março	118	55	165	162	-
Abril	97	53	111	105	-
Maior	80	49	79	81	-
Junho	73	49	75	79	84
Julho	77	64	79	85	78
Agosto	80	84	88	109	91
Setembro	89	135	-	-	110
Outubro	96	197	-	-	115
Novembro	112	252	-	-	132
Dezembro	116	134	-	-	-

Fonte: IEA, elaborado com dados básicos da CEAGESP.

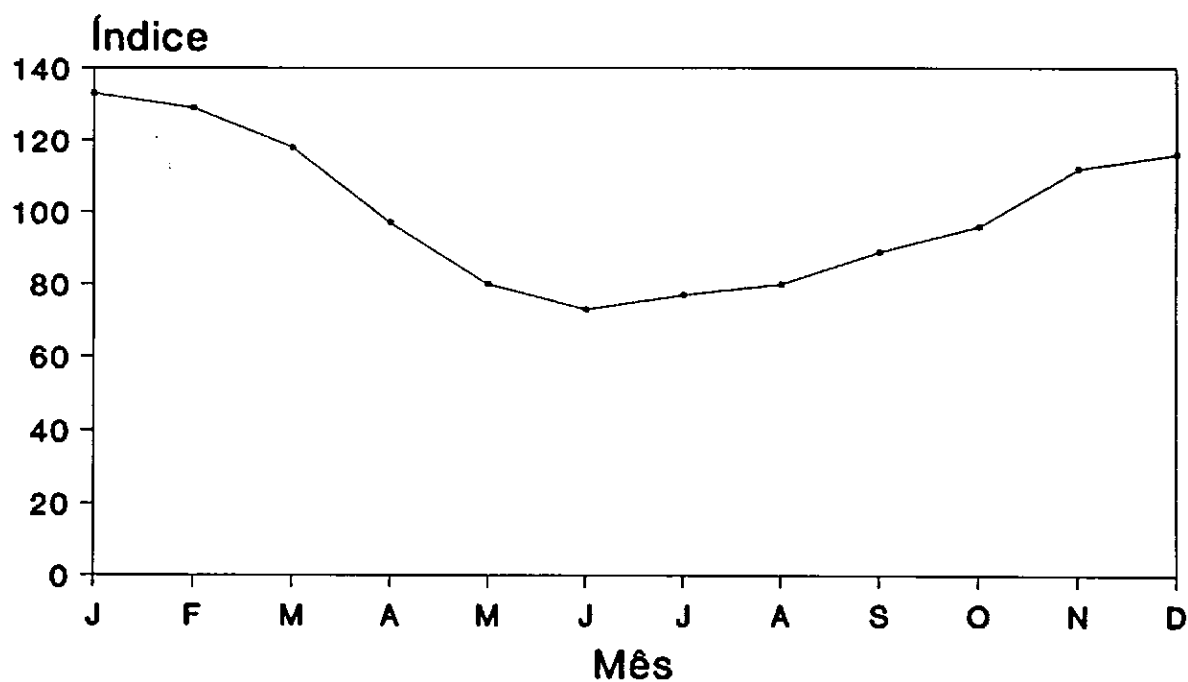


FIGURA 5 - Padrão Estacional de Preços de Laranja no Atacado, São Paulo, 1980-88.

Fonte: IEA a partir de dados básicos da CEAGESP.

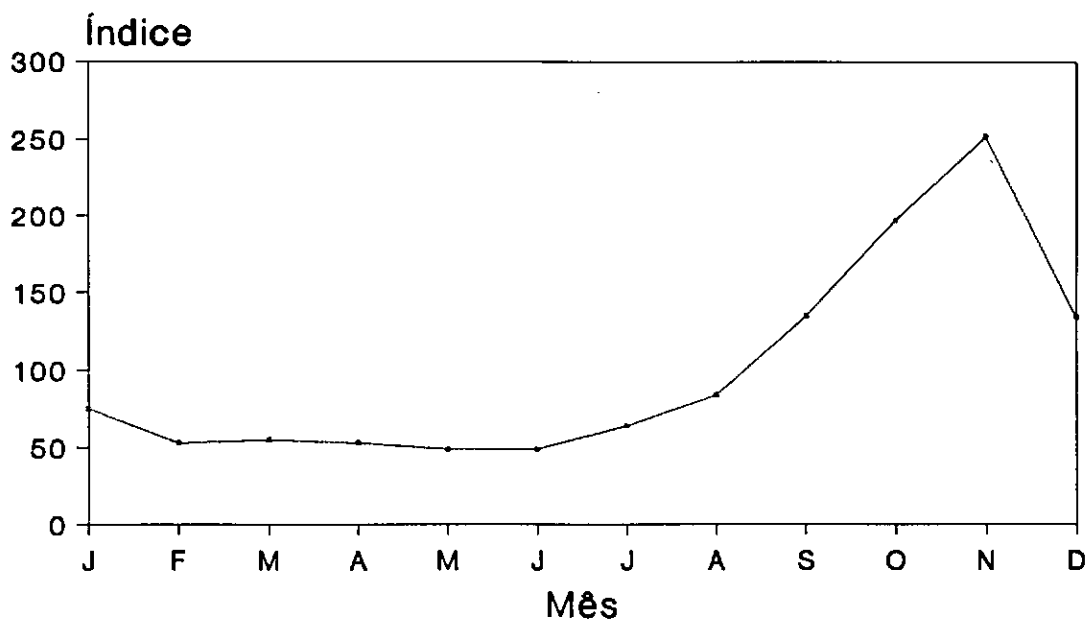


FIGURA 6 - Padrão Estacional de Preços de Limão no Atacado, São Paulo, 1980-88

Fonte: IEA a partir de dados da CEAGESP.

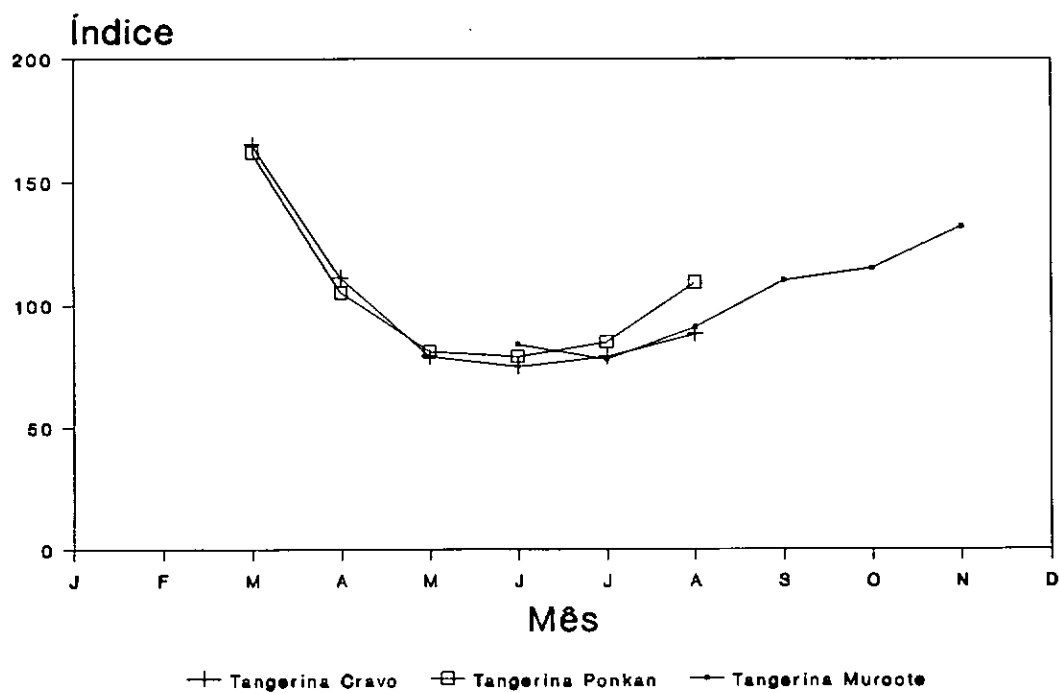


FIGURA 7 - Padrão Estacional de Preços de Tangerinas no Atacado, São Paulo, 1980-88.

Fonte: IEA a partir de dados básicos da CEAGESP.

fruta fresca tem-se revelado praticamente estagnada como reflexo do sistema de produção agrícola adotado pelos citricultores no Brasil e também da melhor eficiência dos concorrentes (Espanha, Itália, Israel e África do Sul) apoiados em produções de variedades mais indicadas para o consumo *in natura*. Com isso, estreitou-se o período de comercialização favorável à fruta brasileira. Os países da UE representam o maior mercado para as exportações de citros brasileiros.

Enquanto o consumo interno de laranja no Brasil representa apenas 30% da produção total, as outras espécies cítricas (tangerina e limão) são produzidas principalmente para suprir o mercado interno de fruta *in natura*. A cultura do pomelo é restrita, tendo como destino o mercado externo, pois a fruta é ainda pouco apreciada pela população brasileira.

São Paulo é o maior Estado produtor de frutas cítricas e, dada a elevada quantidade de espécies cítricas e de variedades, consegue em quase todos os meses do ano colocar fruta no mercado, sendo os picos de oferta entre julho e dezembro.

Em decorrência do sistema de compra e venda de citros prevalecente nas principais regiões produtoras, o citricultor geralmente vende sua fruta sem qualquer classificação ou beneficiamento, os quais, geralmente, são realizados nos *packing-house* pertencentes aos comerciantes atacadistas e aos industriais de suco.

Diante da redução das receitas verificadas no setor cítrico nos últimos anos, existe uma consciência de que para se manter na atividade é necessário que o agricultor minimize os custos unitários, através da redução dos gastos por hectare, e ao mesmo tempo obtenha ganhos de produtividade. As técnicas de adensamento e de manejo global perseguem as metas acima apontadas.

LITERATURA CONSULTADA

AMARO, Antonio A.; YAMAGUSHI, Caio T.;
MAIA, Maria L. *Análise conjuntural e perspectivas da citricultura*. São Paulo: IEA,

1994. mimeo. (Relatório de Pesquisa).

BOLETIM MENSAL. São Paulo: CEAGESP, 1982-1993.

BRASIL COMÉRCIO EXTERIOR. Rio de Janeiro: Banco do Brasil, CACEX, 1980-93.

_____. Rio de Janeiro: SECEX, 1994.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Reforma Agrária. *Portaria nº 127 de 04 out. 1991*. Brasília, MARA, 1991.

_____. *Portaria nº 125 de 15 maio 1981*. Brasília: MARA, 1981.

CARRARO, Antonio F. & CUNHA, Marcelo M. *Manual de exportação de frutas*. Brasília: MARA/FRUPEX/IICA, 1994. 252p.

CONSELHO NACIONAL DO COMÉRCIO EXTERIOR-CONCEX. *Resolução nº 45 de 22jan. 1969*. Brasília: CONCEX, 1969.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS. São Paulo: IEA, 1975-94.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: FIBGE, 1980-1994.

PESQUISA DE ORÇAMENTOS FAMILIARES, 1987/88. Rio de Janeiro: FIBGE, 1991.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL. Rio de Janeiro: FIBGE, 1980-92.

SÃO PAULO. Coordenadoria de Abastecimento. *Perfil dos hortigranjeiros comercializados no E. S. P. - Frutas, 1990*. São Paulo: CAB, 1992. 191p.